

PERNAMBUCO



KARINA FREITAS

ONDE ESTIVESTES DE NOITE?

OS MISTÉRIOS A
CERCAR A OBRA DE
ROBERTO BOLAÑO,
FALECIDO HÁ 10
ANOS E AINDA NOME
MAIS DEBATIDO
DA LITERATURA DE
LÍNGUA ESPANHOLA

GALERIA



MARIANA LINS

A jornalista Mariana Lins estava em Paris durante as manifestações que tomaram conta da capital francesa em junho. Em meio a reivindicações por melhorias sociais, um pedido por mais amor nos muros da cidade.

COLABORADORES



Bruno Liberal, Economista e escritor. Publicou em 2012 o livro de contos *Sobre o tempo*. Seu livro *Olho morto amarelo* foi vencedor do I Prêmio Pernambuco de Literatura e será publicado pela Cepe Editora.



Kelvin Falcão Klein, crítico literário, autor de *Conversas apócrifas* com Enrique Vila-Matas e escreve no blog falcaoklein.blogspot.com.



Rodrigo Garcia Lopes, escritor, tradutor e músico. Lançou há pouco o CD *Canções do estúdio Realidade*.

E MAIS

Miguel Sanches Neto, escritor, crítico literário e professor universitário paranaense. Entre suas obras, *Herdando uma biblioteca* e *Chá das cinco com o vampiro*. **Paulo Carvalho**, jornalista e mestre em Comunicação Social. **Ricardo Viel**, jornalista e colaborador de publicações como *Bravo!*. **Yasmin Taketani**, jornalista.

CARTA DO EDITOR

Não vale nem a pena dizer que o escritor chileno Roberto Bolaño voltou ao centro da mídia este ano, por conta da efeméride dos seus 10 anos de morte, em 2003, aos 50 anos. Desde o Boom, que levou a emergir nomes como Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa, que um autor de língua espanhola não conseguia tamanha unanimidade, tanto em crítica quanto em leitores. Mas qual a razão de tamanho impacto, como explicar o tal do “charme Bolaño”? Perguntas que a nossa matéria de capa procura responder. Vale destacar ainda que publicamos três poemas inéditos de Bolaño no Brasil.

Com o sucesso no cinema da nova adaptação de *O Grande Gatsby*, o nome de F. Scott Fitzgerald voltou a ser discutido. Em sua coluna, Raimundo Carrero comenta algumas das principais características desse autor que deixou uma literatura ao mesmo tempo “bela e maldita”, em que as festas grandiosas da época do jazz eram apenas o alibi para discutir a tensão que ergueu a potência dos Estados Unidos. Carrero, leitor apaixonado de Fitzgerald, discute trechos de obras menos conhecidas como *Suave é a noite*.

Outro destaque desta edição é a entrevista que o repórter Paulo Carvalho realizou com o artista plástico João Câmara sobre literatura. Câmara lança agora o romance *Abishag*, em que discute, entre outros temas, a passagem do tempo. “Você imagine uma intrusa que invade sua vida e termina sendo como uma companheira compulsória. Você termina descobrindo que não é uma pessoa de verdade, ou são várias pessoas de verdade e, ao mesmo tempo, uma alegoria sobre a velhice. Raymond Roussel, um escritor muito rico, que escrevia forma revolucionária, uma das influências de Marcel Duchamp, se baseava para seus textos em uma frase que tinha alguma ambiguidade linguística. A partir dela, ele escrevia toda uma historietta, um conto, e ao final, ele fechava com uma frase homófona. Essa frase fechava o ciclo infinito”, revela o artista.

Errata: O conto publicado de Luiz Vilela na edição de junho tem como título *Céu estrelado*, e não *Você verá*, que na verdade é o nome do livro que o autor lança pela Record no segundo semestre.

Boa leitura e até agosto.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente interino
Bráulio Meneses
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Sobre todas as escolhas que nós fazemos

Escritor ganhador do 1º Prêmio Pernambuco de Literatura, parceria entre a Cepe, Fundarpe e Secretaria de Cultura, lista as temáticas do livro *Olho morto amarelo*

JANIO SANTOS



Bruno Liberal

Em 2012, depois de lançar meu primeiro livro, um silêncio devastador se instalou em mim. O silêncio fazia um barulho assim: Por que você perde esse tempo todo escrevendo essas suas bobagens?

A verdade é que não penso nisso. Aliás, nunca pensei, até vencer o prêmio. Aí todo mundo fica me perguntando essas coisas e esperando uma resposta tão bonita.

Penso em dizer: “Escrevo porque a literatura afasta essa minha imagem do espelho. E porque, nesse movimento de luz, me aproximo do que se faz essência”. Acho bonito dizer isso.

Carrego a escrita no limite das fronteiras que observo na vida. São pequenos momentos que sustentam um peso simbólico e possibilitam uma reflexão mais profunda dos nossos costumes. Tento captar a natureza dos sentimentos contidos nas relações humanas, no cotidiano tão massacrado pela repetição. Escrevo sobre o que me atormenta, incomoda. Sobre os meus fantasmas.

Olho morto amarelo, o livro, “nasceu” para o concurso. Mas, antes disso, existiam os contos que foram escritos de forma independente, apenas pelo prazer da escrita, como exercício para um romance que estou maturando. Gosto de retratar a velhice, a solidão, o egoísmo, o abandono, as escolhas que fazemos para viver em sociedade. O livro reúne 11 contos. Um velho cansado da vida no Natal. Um louco que se apaixona. Uma mulher que sente falta da filha distante, outra que não consegue ser feliz com tudo que escolheu para si. Um gato de fogo que sai da fogueira de São João para brincar com uma criança (baseado em fatos reais, olhem no meu *Facebook*). *Olho morto amarelo* (que ainda não sei sobre o que é). Um jovem que sente o egoísmo dos pais no nascimento da filha. Uma história de amor na casa azul. Um velho que deixa seu apartamento de herança para uma prostituta, outro que contrata uma mulher para beijá-lo ao meio-dia na rua. E, juro por Deus, que é um final feliz, sobre um pai que esquece a filha dentro do carro (isso me atormenta).

Bom, falando sobre o processo de composição do livro, escolhi o gênero *contos* porque era o único

material bem-desenvolvido que possuía, faltando um mês para o encerramento das inscrições. Foi o tempo que tive para revisar a linguagem, a estrutura narrativa, desenvolver alguns personagens, cortar outros, enfim, tornar aquele emaranhado de textos dispersos em um livro apresentável. Foi um mês intenso, com muitas noites maldormidas.

Meu método é amador. Muito simples. Escrevo todo dia um pouco, no celular, no *notebook*, no guardanapo. Preciso registrar as ideias na hora que surgem e o que tiver à mão vira instrumento. Não tenho ordem para olhar os textos. Às vezes, abro um conto e ele não me diz nada. Fecho. Abro outro e faço alguma alteração ou retomo a veia do ponto que parei. Tento me forçar a isso. O tempo é escasso, dividido entre o trabalho e a família. Escrevo uma página por dia e, geralmente, não permaneço mais que uma hora escrevendo (fico exausto depois, sentindo-me como se tivesse gritado sem parar nessa hora).

Muita coisa que escrevo (a primeira escrita) é bobagem, não presta, mas registro mesmo assim. Quem vai dizer que não presta é o meu “eu” crítico, que, naquele primeiro momento, precisa estar bem longe para que o fluxo das ideias não seja bloqueado por intervenções estéticas. Acredito que a primeira escrita possui uma força e energia muito fortes. Que é puro sentimento. E, para transformar esse sentimento em arte, é necessário um cuidadoso processo de refinamento. Reescrevo e reescrevo (suavemente) até sentir uma proximidade com o satisfatório. É aí que abandono o texto. Sei que nunca conseguirei chegar ao texto perfeito. É impossível.

Enfrento o desafio de estar isolado como escritor. Moro em Petrolina, cidade encravada na última ponta do estado de Pernambuco, distante quilômetros de qualquer livraria. A internet ajuda, mas não substitui o convívio com outros escritores, leituras, debates, oficinas. Não tenho amigos escritores para mostrar meus textos e discutir os caminhos que devo seguir (entendam: da literatura que gosto e faço). Preciso ser um crítico muito mais feroz. O *Olho morto amarelo* foi lido apenas pelos jurados do concurso, mais ninguém antes do resultado.

Retomando o assunto: escrevo porque preciso de mim.

PERFIL

Intrusa ou companheira, seja bem-vinda

João Câmara fala sobre o seu romance que promove uma alegoria da velhice

Paulo Carvalho

Também um escritor e ensaísta capaz de lançar-se verticalmente no escrutínio de imagens e temas filosóficos, históricos e políticos, João Câmara, 69 anos, pintor paraibano radicado nas cidades do Recife e de Olinda, sugere como “posologia” de sua novela *Abishag – hóspede inevitável* (J.J. Carol Editora): “Estas folhas podem ser percorridas em suas letras maiores, através das imagens, até o fim. O breve tempo tomado ao leitor seria o caminho veloz no qual os eventos tendem a se comprimir sob o peso da idade. Nas letras menores, há diversões e derrotas no percurso: manobras inúteis, talvez, para delongar o caminho e evitar seu termo.”

Assim, antecipa João Câmara as velocidades diferentes que o leitor encontrará nessa “comédia para idosos já crianças, tenham sido eles contemplados, punidos ou, apenas, alcançados pela velhice”, obra não só cindida entre signos linguísticos e plásticos, mas cujo texto é ele mesmo duplo. Isto é, o livro é composto por 21 ilustrações digitais dispostas nas páginas ímpares, uma seção mais novelesca ou fabular na parte superior das páginas pares (“com letras maiores, para quem enxerga mal”) e, nos rodapés, uma digressão ensaística sobre a senilidade e sobre a narrativa da fábula. Nas notas, o pintor aproxima-se de nomes como Cícero, Dante, Shakespeare, Proust e Joyce. *Abishag* é um texto escrito em 2011, editado em 2012 e com lançamento em 2013.

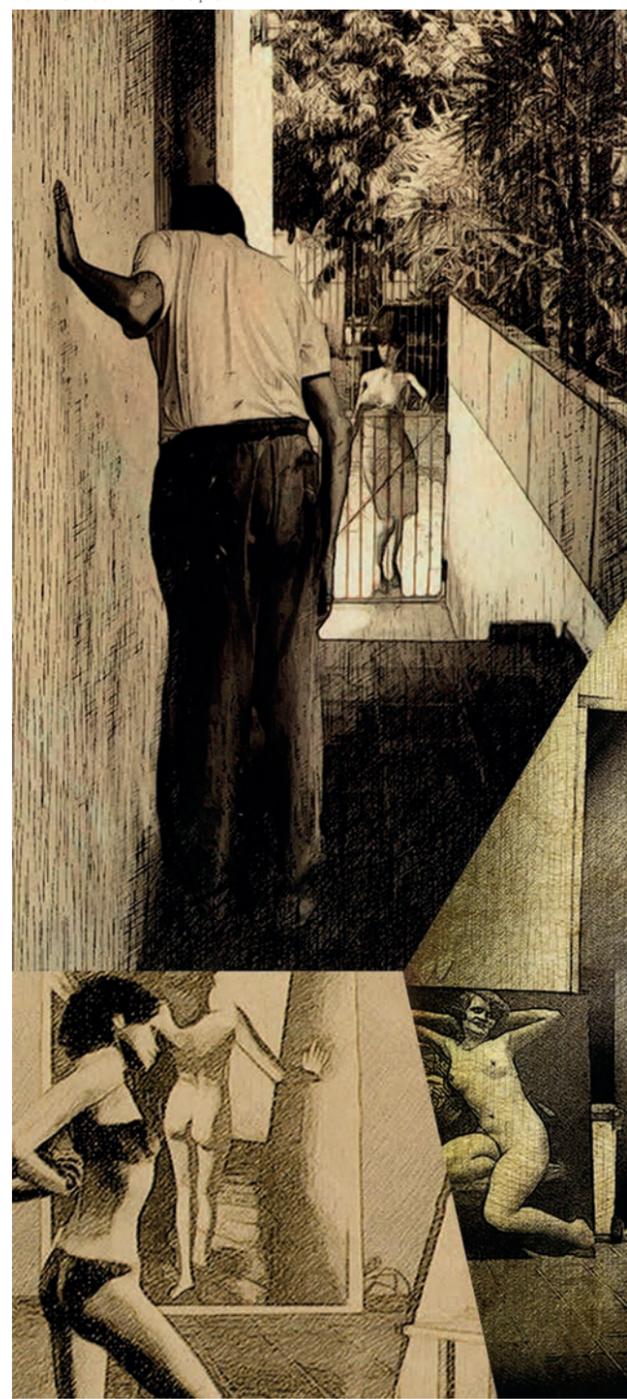
“Perguntam: afinal, você é pintor ou escritor? Na verdade, o camarada aprende a escrever antes de desenhar. Antes de fazer um círculo perfeito você faz a letra o. De modo que a forma escrita é anterior à gráfica. Nas civilizações modernas, acontece o oposto das civilizações paleográficas, em que primeiro vinha a imagem, a pictografia, e depois a linguagem. Eu me sinto muito bem de ter a companhia de quem se expressa por palavra e que se expressa por figuras. Tenho essa sorte de poder ilustrar as minhas próprias caraminholas. De mais a mais, há uma vantagem de poder ilustrar o que você escreve, porque o livro engorda (risos). Ou, ainda, dizer que é um hipertexto, que você navega entre a imagem e o conceito escrito, com várias alusões e vários caminhos, com latitudes e longitudes diversas”, sugere o artista em entrevista concedida ao **Pernambuco** em sua reserva técnica no Bairro das Graças.

Abishag, perceberá o leitor, nasce de um trocadilho explorado no final do livro, a partir do nome da personagem. “Você imagine uma intrusa que invade sua vida e termina sendo como uma companheira compulsória. Você termina descobrindo que não é uma pessoa de verdade, ou são várias pessoas de verdade e, ao mesmo tempo, uma alegoria sobre a velhice. Raymond Roussel, um escritor muito rico, que escrevia de forma revolucionária, uma das influências de Marcel Duchamp, se baseava para seus textos em uma frase que tinha alguma ambiguidade linguística. A partir dela, ele escrevia toda uma historietta, um conto, e, ao final, ele fechava com uma frase homófona. Essa frase fechava o ciclo infinito”, revela João Câmara.

O rei Davi, narra a história bíblica, quando ficou velho, sentia muito frio. Então, mandou trazer Abishag, uma mulher jovem cuja única missão era aquecê-lo. João Câmara explica que sua fábula foi escrita em um primeiro momento e depois relida e comentada, de maneira que o texto que aparece nos rodapés, em letras menores, com um tempo diferente de leitura e de inclinação mais reflexiva; trata-se tanto de uma leitura do autor em relação ao que ele fez, como uma indicação para o leitor de quanto mais ele pode percorrer nas entrelinhas da pequena história.

“Nas referências, estão escritores que li na juventude, como Proust, Joyce, Kafka. Com Joyce, tenho uma relação muito antiga. Meu pai era um leitor dele. Tenho ainda uma edição da Modern Library do *Ulysses*, com suas anotações atrás. Quando meu pai ficou mais velho, eu dei de presente um exemplar de *Finnegans wake*, mas já estava cansado, e acabou não terminando. Fiquei como que herdeiro dessa leitura. Passei 14 anos lendo, com uma montanha de livros acessórios do lado. Tornei-me, então, um leitor de horas vagas de *Finnegans wake*, uma comédia que não é para ser levada tão a sério como se leva. Um texto de alta erudição e alto divertimento, um entretenimento para letrados. E é a última experiência consolidada de modernismo na literatura, naquele ciclo que vai incluir Pound, os simbolistas tardios como Mallarmé”.

MONTAGEM SOBRE REPRODUÇÃO



Para o pintor, depois da experiência apocalíptica do modernismo literário, a literatura não sofreu como a arquitetura e as artes visuais da intensa necessidade de afirmação pela vanguarda. “Isto é, depois do rom-pante modernista inicial heroico, a literatura atingiu uma espécie de equilíbrio, que permitiu que ele tivesse mais territórios de prospecção e indagação, de comprometimento do ponto de vista ético-filosófico que as artes plásticas não poderiam nunca alcançar, já que estavam travadas pelo estilo e pela necessidade formal. Houve um descompasso muito interessante entre o modernismo literário e o das artes visuais, resultando às vezes numa certa de ingenuidade do ponto de vista artístico de pensar que se está fazendo grandes renovações, quando na verdade está apenas tocando a casca superficial.”

Não por acaso, portanto, em *Abishag*, quando o narrador discorre sobre o a dificuldade de determinar o início da velhice, as ações de “ver” e “bem julgar” aparecem agenciadas num mesmo período. “Como no processo criativo há sempre o processo crítico, algo inerente à criação, algo que induz para que você esteja sempre de plantão e prontidão para não se repetir. As artes plásticas pós-modernistas se realizaram com uma ênfase muito grande nas transformações formais, estilísticas e a literatura procurou uma visão interior mais equilibrada. Atravessou-se sem maiores dolos, sem maiores culpas, a fase do modernismo apocalíptico, heroico. E, naturalmente, em face de que a escrita esteve sempre mais envolvida com questões filosóficas e de reconhecimento e responsabilidade ética, elas também atravessaram o que foi o grande clima de transformação social que foi o apogeu e acomodação do marxismo. Essa perversão dos princípios ideológicos, vinculados aos princípios morais, afetaram com menos gravidade a literatura, porque estava mais aparelhada para absorvê-lo com um julgamento mais preciso que as outras áreas”, explica João Câmara.



De toda maneira, ele ressalta que não há uma receita estilística para o texto moderno e que o conflito e a ambiguidade não podem ser abandonados na leitura dessas obras em que a metáfora desempenha um papel central e desestabilizador. “Você não pode dizer que um texto pluridisciplinar seja eclético, porque essa simples designação do ecletismo já indica um conjunto de afirmações válidas e não excludentes. O estilo moderno tende mais para o conflito do que para a necessidade de harmonia. Há uma compulsão marxista pelo texto racional, que chega a ser ingênua. Muitas vezes por ser muito diretiva, por ser uma maneira de harmonizar a sintaxe. Coisa complicada, porque diversos artistas não se enquadram em processos normativos.”

Na sala em que o paraibano concedeu esta entrevista, está exposta uma tela sobre *A obra-prima ignora*, texto em que Balzac explora as ligações entre a arte e a vida. Uma obra literária sobre o fracasso, além de tudo, é um dos muitos exemplos de incursões de João Câmara por cenas retiradas de livros.

“Quando você trabalha temas literários, está mergulhando no que se imaginou ter sido o processo criativo do escritor, ao equilibrar a imagem e a palavra. Não estou somente falando de imagem visual, mas da imagem mental, também. Por exemplo, em Stendhal, o sujeito atravessa a Batalha de Waterloo sem se dar conta da grandeza daquilo. Ele estava vendo um cavalo morto, as explosões, a dificuldade para o alojamento, e para conseguir um casaco... e aquilo era a Batalha de Waterloo! Mas a batalha como um fracasso final, como estrutura final formal não é representável. O processo dela pode ser, por um esquema de explicação militar, um jogo de guerra, a narrativa compreensiva de sua mecânica, mas, na sua vivência, ela não existe como imagem, mas como uma espécie de fragmento descontínuo. Isso permite que você realize absolutas transgressões, vamos dizer, nas imagens literárias consolidadas.”

“Você não ilustra, talvez até desilustre. A visualização é uma forma de dizer o que não foi escrito”, aponta João Câmara

O processo é de brincadeira, segundo João Câmara. “Você não ilustra, talvez até desilustre. Faz um passeio pelo que está lá e não foi escrito. A visualização é uma maneira de dizer o que não foi escrito. Em Balzac, o artista tenta realizar uma obra, uma obra falhada, mas observe, o processo não é falho. O processo ativo em si é que é o elemento criativo. Duchamp dizia que uma obra de arte era a diferença de potencial entre o que se imaginou e o que se conseguiu. Não está nem no princípio que a originou, nem no resultado físico que foi determinado por isso. Mas na migração dos efeitos entre o princípio e o fim”, acrescenta ainda.

O artista, que pretende editar ainda em 2013 um livro com mais de 300 gravuras, entre séries e imagens avulsas, revela também que está pintando uma tela sobre Theodor Adorno, em episódio que ficou conhecido como *Busenaktion* ou “o atentado dos peitos”. Nele, o teórico alemão foi confrontado

por três jovens mostrando os seios. Exemplo de “écfrase”, em que uma narrativa, no caso histórica, é transmutada em outra. “O quadro é um retrato ilustrativo, com a figura de Adorno no meio e as três moças. Mas veja, não se baseia essa ilustração no fato de um homem velho ter sido atacado por três mulheres com seios à mostra, mas é uma espécie de antítese do julgamento de Páris, em que ele não julga as moças, mas é julgado por elas. Essa interpenetração de um fato que existiu, com um desdobramento de fantasia ou delírio (embora tudo seja muito realista e muito concreto, sem nada de fantasmal), é muito próxima da literatura, não é? A palavra permite isso. A imagem artística também permite, mas numa latitude muito menor.”

Brincadeira como Julio Cortázar lendo o quadro *Amor sacro e o amor profano*, de Tiziano (“Todo mundo naturalmente admira esse quadro, com aquela mulher na fonte, cheio de induções alquímicas e mitológicas. Mas Cortázar escreve algo como: ‘esse quadro detestável em que uma mulher em cores desmaiadas põe a mão numa fonte suja...’. É uma observação precisa, embora injusta. Muito característico dos argentinos, aliás. Caluniosos, como Borges”); ou ainda como Mussorgsky, o compositor de *Quadros de uma exposição*, peça baseada em aquarelas quase medíocres de um amigo. E não seria a velhice a abertura definitiva para jogos como esses de João Câmara em *Abishag*?

O LIVRO



Abishag — hóspede inevitável
 Editora J.J. Carol
 Páginas 48
 Preço R\$ 59,00

ENTREVISTA

Marcelo Backes

Um confessorário sem qualquer tipo de redenção

O futebol é o símbolo que o escritor usa no seu mais novo romance, *O último minuto*, para entender as encruzilhadas e as crises vividas pelos brasileiros durante as últimas décadas

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

“Era assim, a vida. O infinito, ao ser tocado, não passava de uma poça de água suja.” Esta é uma amostra da filosofia de João, o Vermelho, ou Yannick Nasyniack, protagonista do novo romance de Marcelo Backes. Da trajetória deste filho de russo e alemã, que se inicia no interior do Rio Grande do Sul para culminar no crime – revelado apenas nas últimas páginas do livro – que o leva à prisão, ficamos sabendo indiretamente através de um seminarista, narrador de *O último minuto* (Companhia das Letras). A ele, Yannick revela o choque entre seus valores e as transformações aceleradas do país, sua descrença na humanidade, sua carreira como técnico de futebol – sua tragédia. Mais do que uma confissão, é a tentativa de compreender como chegou à encruzilhada

entre barbárie e civilização. O interessante – e talvez perturbador – é que os contornos de um e outro vão se dissolvendo, e não resolvendo, à medida que a narrativa avança.

Nascido em Campina das Missões (RS), em 1973, mas atualmente morando no Rio de Janeiro, Marcelo Backes escolhe o futebol como metáfora para compreender o Brasil e constrói uma trama instigante, repleta de frases inteligentes e provocativas. Autor, entre outros, dos romances *maisquememória* (2007) e *Três traidores e uns outros* (2010), doutor em germanística e romanística pela Universidade de Friburgo e tradutor de autores como Franz Kafka, Hermann Broch e Arthur Schnitzler, Backes fala nesta entrevista sobre fracasso, nosso lado sombrio, a escrita do romance e seu objetivo: “Quero entender o processo pelo qual passa o mundo em que vivo, em sentido amplo e em sentido estrito”.

O livro é narrado indiretamente pelo seminarista a quem João, o Vermelho, ou Yannick Nasyniack, conta sua história. Eles têm personalidades e são de universos muito distintos. Tal estranhamento, muito forte no início, vai se amenizando a ponto de o narrador incorporar a fala e as ideias de Yannick. A construção dessa voz foi seu maior desafio? Por que não o próprio Yannick narrar o romance?

A questão do narrador é sempre um dos maiores desafios e um dos pontos centrais da discussão artística contemporânea e da participação da literatura no contexto da arte. Em todos os meus livros sempre busquei um deslocamento narrativo, uma voz peculiar, muitas vezes bipartida, que contasse as coisas de um ponto de vista ou extremamente próximo ou então muito distante do narrado. Em *O último minuto* eu precisava de um narrador como meu seminarista carioca, até por uma questão de autenticidade. Quem conhece o mundo dos vestiários de perto a ponto de se atrever a contar sobre ele em primeira pessoa?

A trajetória do personagem — infância no interior do Rio Grande do Sul, o primeiro contato com a capital gaúcha na juventude, a vida no exterior e o fixar as raízes no Rio de Janeiro — possui muitas semelhanças com o seu próprio percurso, algo que também ocorre em *Três traidores e uns outros*. A criação de Yannick partiu de recordar o passado, transformar suas lembranças em ficção?

Yannick tem 55 anos, se formou em Educação Física e depois limpou estábulos na Suíça. Eu ainda não tenho 40, estudei literatura e fiz doutorado na Alemanha. Mas um escritor obviamente precisa conhecer o mundo sobre o qual escreve, precisa sobretudo senti-lo doer fundo dentro de si, e é só por isso que, em alguns momentos, a trajetória de Yannick, esse russo que nem sequer é Ivan, esse russo que vira João, lembra a minha. Sempre se recorda o passado, se volta para aquilo que se viveu e não se compreendeu, tentando dar à vida um sentido que ela não teve enquanto foi vivida. O time do seminário São José de Cerro Largo, nos confins do Rio Grande do Sul, era bom, mas

“ Sempre se recorda o passado, se volta para aquilo que se viveu e não se compreendeu, tentando dar à vida um sentido

não porque eu era o treinador, e Yannick é um treinador de futebol, mas não porque eu fui treinador. Ele também não conversa com um seminarista porque eu fui seminarista, muito menos porque fui treinador, embora minha cidade natal seja colonizada por russos. Bentinho, o Bento Santiago, também estudou no Seminário São José, mas não porque queria ser padre. Eu também não queria ser padre, nem treinador, e Yannick, que é treinador, só conversa com um seminarista carioca porque eu nunca quis ser padre e sempre fui um tanto casmurro, além de conviver com os russos. Enfim, de onde nasce a literatura? É difícil dizer, mas é certo, pelo menos quando se pretende autêntica, que ela nasce de uma necessidade, de uma falta, de uma dor.

Os personagens de seus últimos livros parecem ter perdido a paixão pela vida, ou por si mesmos. Estão presos ao passado e às escolhas que fizeram, sem no entanto demonstrar insatisfação com seu presente ou preocupação com o futuro. Entre arrependimentos, reclusão e desistência, eles estão em busca de quê? Onde fica a encruzilhada a partir da qual não é mais possível voltar ou seguir adiante? O passado marca, sobretudo a infância, o período de formação. Eu não acredito muito em escolhas, não acredito sobretudo na capacidade das escolhas no sentido de mudar a vida da gente. O presente é aquilo que é, um resultado de tantas variáveis que qualquer tentativa de controle me parece absurda. Conseguir vivê-lo da melhor maneira

possível já é uma grande coisa e o mais alto desiderato que podemos alcançar, sobretudo se o aproveitarmos sem cogitar eternidades, o que meu João, meu Yannick aliás não consegue fazer, também por causa de seu passado e de seu vínculo estreito e duradouro demais com ele. Já o futuro, caramba, onde fica essa entidade? .

Nesse sentido, estamos todos sujeitos a cometer um crime como o de Yannick? Parece-me, então, que a diferença entre uma pessoa que segue uma vida “correta” e o personagem, levado pelas circunstâncias a cometer um crime, é muito sutil. Se não nascemos e aprendemos a cultivar também as armas para superar as afrontas do passado que Yannick foi obrigado a encarar, certamente sim. Acho que estamos no centro da velha, e cada vez mais importante questão do livre arbítrio, que ainda esperneia tentando se manifestar, mas cujo terreno de ação lamentavelmente fica cada vez mais limitado.

“O mundo parecia querer pílulas, de preferência virtuais, inodoras, insípidas e incolores, consolos de três linhas que não desmatavam as derradeiras florestas, justificando a falta de vontade, o hiperativismo desconcentrado e estulto, com argumentos ecológicos.” Sobre o leitor atual, concorda com a observação do narrador? A pergunta “quem há de se interessar pela minha literatura” também lhe preocupa? Não concordo com o meu narrador na apreciação dura

acerca do leitor atual, mas também não acho que o papel da literatura seja afagar, é antes provocar. Não é aquietar, e sim inquietar. Quando eu escrevo, nunca cogito um leitor do outro lado, não considero sua existência. Meu narrador o faz porque não é escritor, porque pensa em dizer alguma coisa sobre alguém a alguém com o objetivo de ser ouvido e de explicar essa coisa ao mundo. Eu estou longe disso, embora tenha consciência do anacronismo romântico que isso representa. Mas também não acho que, no âmbito de uma literatura que se preze, cogitar um leitor do outro lado contribua sequer no sentido de alcançá-lo. Eu nunca facilitei as coisas, eu escrevo aquilo que acho que preciso escrever para dizer aquilo que sinto que me é necessário dizer, e isso do melhor jeito para me entender comigo mesmo e com o mundo.

O futebol é descrito no livro como o “esperanto popular, a linguagem universal em que as pessoas podiam aplaudir o preço do bilhete de entrada, e ainda por cima de um concerto do qual inusitadamente compreendiam todas as notas”. Há quem diga que basta encontrar o livro certo, “escrito para você”, para gostar de literatura. Com futebol é a mesma coisa? O que lhe apaixona nele? É também o parentesco entre a literatura e o futebol que me fez trabalhar com o tema, mas é certamente muito mais o fato de eu ter sofrido quase a vida inteira com o futebol que me fez especular nele uma metáfora

“ Escrevo aquilo que acho que preciso para dizer aquilo que sinto que me é necessário dizer, e isso do melhor jeito para me entender

para compreender o mundo lá fora e a alma aqui dentro, a vida de um modo geral e o Brasil de modo específico. O futebol me apaixona porque não o entendo, porque tenho milhares de razões objetivas pra não gostar dele e acabo sempre de novo vendo o jogo do meu time, torcendo como um doido nefelibático.

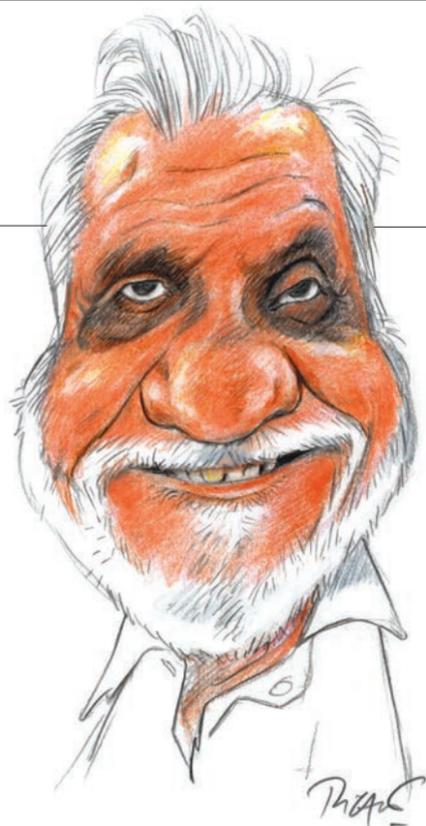
“Se eu fosse, humanamente, como meus narradores foram até agora, eu cometeria suicídio prendendo a respiração”, você afirmou sobre o personagem de seu romance anterior. Consegue explicar por que se interessa por esses tipos (acho que podemos incluir João nessa leva) desiludidos? Meu João, meu Yannick, é diferente dos meus outros personagens, pelo menos humanamente. Eu não diria que se fosse como ele me suicidaria prendendo a respiração. Apesar de grosso, de machista, ele tem uma humanidade que acho que meus personagens anteriores não têm. Não é simplesmente um cínico, tenta compreender a estrutura violenta de seu passado que o obriga a interagir com o mundo usando as armas da violência. E ele, talvez isso não seja mera coincidência, também não é o narrador da minha história. Não há nada mais ridículo, artisticamente falando, do que um personagem triunfante. Só o fracasso merece ser contado, até porque nós só paramos para contar quando fracassamos, quando tropeçamos, quando sofremos.

O romance é repleto de fatos recentes da nossa história e

críticas às transformações do país nas últimas décadas. Para além do crescimento econômico dos centros urbanos e de um interior que continua basicamente o mesmo, o narrador observa, na virada do último milênio, “o mundo começar a virar do avesso de vez”. Era seu objetivo discutir ou chamar atenção a questões socioeconômicas?

Eu quero entender o processo pelo qual passa o mundo em que vivo, em sentido amplo e em sentido estrito. Se o Brasil passou por várias transformações nos últimos tempos, me choca o fato de talvez em nenhum momento da história nem da geografia universal mais recentes ter havido um desequilíbrio tão grande entre as célebres categorias da infraestrutura e da superestrutura. Quer dizer, nós evoluímos economicamente, mas educacionalmente, culturalmente talvez tenhamos definhado. Obviamente estão excluídas desse definhamento as manifestações subjetivas e pessoais, esporádicas, que aliás só tendem a alcançar mais estofos em processos de transformação caracterizados pela complexidade. Talvez não tenhamos definhado, aliás, mas nossas precariedades apenas tenham se tornado mais manifestas.

Yannick confessa na cadeia, narrando toda a sua existência na tentativa de compreendê-la. A literatura é sua confissão? É, mas no meu confessionário não há padre, nem seminarista, assim como no meu divã não há analista.



Raimundo CARRERO

Uma literatura para sempre bela e maldita

F. Scott Fitzgerald foi mais,
muito mais do que o autor
de *O Grande Gatsby*

“**Não chore.** Transforme suas dores em literatura”, Este foi o conselho que Scott Fitzgerald ouviu de Ernest Hemingway enquanto bebiam litros de uísque com soda num bar de Paris, na década de 20. Naquele momento, o autor de *O grande Gatsby* contava ao colega norte-americano detalhes do seu trágico relacionamento com Zelda, a bela e frágil Zelda, com graves ataques de esquizofrenia, sem contar com as brutais bebedeiras, irresponsabilidade desenfreada e festas, muitas festas.

Ainda assim foi este mundo escandaloso, cruel, festeiro e desumano, que Scott Fitzgerald levou para a sua obra literária, em que se destacam romances escancaradamente humanos e volúveis, com personagens embriagados que se arrastam pelas ruas, freqüentam bailes luxuosíssimos, dirigem carros muito caros e estouram a vida pelas esquinas.

Por isso precisou de muito tempo para ser reconhecido pela crítica, apesar dos elogios de Edmundo Wilson, na época uma espécie de bússola literária nos EUA. Aliás, Wilson lutou muito para tirá-lo daquilo que considerava vulgar, mas o romancista sabia, com força, que ali estava sua matéria-prima e viveu para transformá-la em textos fulgurantemente belos e precisos. Chegaram a ter atritos sérios, porque o crítico costumava ironizá-lo e escarnecê-lo, comparando-o com o que havia de pior na literatura norte-americana. Wilson temia que ele se transformasse num romancista para moças. De fato, a abertura de *Suave é a noite*, por exemplo, parece o princípio de um livro para meninas que estudam em regime de internato:

“Na agradável costa da Riviera francesa, mais ou menos a meio caminho entre Marselha e a fronteira italiana, ergue-se um hotel grande, altaneiro, cor-de-rosa.... O Hotel e sua praia, que parecia um tapete bronzeado e luminoso, formavam um todo... A uma milha do mar, onde pinheiros cedem lugar a álamos empoeirados, há uma solitária parada de estrada de ferro, para onde, nesta manhã de junho de 1925, uma vitória trouxe uma senhora e sua filha, em busca do Hotel de Grausse. O rosto da mãe tinha uma beleza murcha e que logo ficaria marcada por veias visíveis; sua expressão era, de maneira agradável, ao mesmo tempo tranqüila e vigilante. Mas o olhar de qualquer pessoa se voltaria imediatamente para a filha, que tinha mãos encantadoras e faces lindamente rosadas, com o excitante colorido das crianças, após o banho frio da tarde. A bela fronte subia suavemente até o ponto em que o cabelo a emoldurava como um elmo, cascadeando em ondas e cachos de um louro cinza e dourado. Olhos eram brilhantes, úmidos e luminosos; o corado das faces era natural, trazido à superfície pelo fluxo de um coração moço e forte. O corpo ainda lembrava delicadamente o final da adolescência. Tinha perto de dezoito anos, estava quase formada, mas ainda conservava uma frescura de menina.”

REPRODUÇÃO



Sem dúvida, um texto cor de rosa, mas que manteria, para sempre, a inigualável força estética de Fitzgerald, mesmo naqueles instantes de maior movimentação, como no conto *A feiticeira ruiva*: “Por toda parte, em torno dela, havia rostos – rostos barbeados, e costeletas, velhos, jovens de idade e, aqui e acolá, uma mulher. A massa humana estendia-se rapidamente até a calçada oposta, e como os fiéis saíam naquele instante da Igreja de Santo Antônio, situada logo atrás da esquina, se alastrou por toda a largura da rua, comprimindo-se de encontro à grade de ferro da casa de um milionário. Os automóveis que seguiam pela avenida foram obrigados a parar e, num abrir e fechar de olhos, se amontoaram três, cinco, seis, junto da multidão; ônibus de dois andares, tartarugas do tráfego, com a parte superior repleta de gente, meteram-se no aperto, os passageiros a espiar o centro daquele

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

REEDIÇÃO

Livro de Julia Kristeva sobre a depressão e a melancolia como propulsoras da criatividade está fora do mercado

A Editora Rocco está devendo uma nova edição de *Sol Negro – Depressão e Melancolia*, da búlgara radicada na França Julia Kristeva (foto). A última data de 1989 e está esgotada, sendo encontrada nos sebos com preços que variam de R\$ 115,00 a R\$ 200,00. No livro, Kristeva utiliza recursos da semiótica e da psicanálise para explorar a tese de que a melancolia, provocada pela perda do amor ou pela

crise dos valores na sociedade, pode servir de propulsora da genialidade criativa. Para tanto ela estuda as obras do pintor renascentista Hans Holbein, do poeta Gerard de Nerval e dos romancistas Marguerite Duras e Dostoiévski. Kristeva é considerada uma das maiores pensadoras contemporâneas, ao lado de seus amigos Lacan, Foucault, Barthes, Todorov e Lévi-Strauss.

FOTO-DIVULGAÇÃO





TAPAS & BEIJOS
COM ZELDA,
AUTOR VIVEU
RELAÇÃO
TUMULTUADA

conglomerado humano, que, naquela altura, dificilmente poderia ser visto de baixo.

O aperto se tornara medonho. Nenhuma assistência elegante num jogo de rúgbi entre Yale e Princeton, nenhuma multidão sufocante num campeonato nacional de beisebol, podia comparar-se ao povaréu que conversava olhava, ria e buzina em torno da jovem senhora de preto e lilás. Era estupendo; era terrível. Um quarto de milha rua abaixo, um policial telefonou para sua delegacia; na mesma esquina, um cidadão, assustado, quebrou o vidro de alarma de incêndio, pondo em movimento todos os carros de bombeiros da cidade; no alto do seu apartamento, num dos edifícios mais altos, uma solteirona histérica telefonou, por sua vez, para um agente das lei seca, para deputados encarregados de estudos relativos ao bolchevismo e para a seção de maternidade do Bellevue Hospital.”

Uma extraordinária cena de multidão, com fino equilíbrio estético, harmônica, embora no final tenha tratado de vários quadros com o mesmo ardor e fervor de quem vê um filme em vários ângulos, situando personagens e situações diferentes para formar um todo. Este sentimento de equilíbrio nunca faltou a Fitzgerald, mesmo quando aborrecia os críticos, em especial o exigente Edmund Wilson, que não entendia o apego do romancista a coisas simples e vulgares. Coisas simples e vulgares, mesmo luxuosas e elegantes, que podem também construir a Grande Arte, como comprovou a obra de Flaubert, sobretudo em *Coração simples*. Há, ainda, a extravagância, que deu a Fitzgerald o toque de originalidade, revelado nos romances de maturidade. Foi justamente por substituir o trágico pelo frívolo que ele se tornou fundamental.

ENTREVISTAS

Entrevistas com escritores falam de tudo um pouco

Todo leitor gostaria de conhecer pessoalmente seu escritor favorito. Uma boa dica para realizar algo perto desse sonho é o livro *Conversas com escritores*, de Ramona Koval (Globo-Biblioteca Azul). O diferencial desta série de entrevistas é que às vezes a conversa foge do assunto literatura para enveredar por outros temas também interessantes como o amor, a bondade, a amizade, a morte etc.

PÍCARO

Escritor boliviano recria o gênero pícaro mostrando um congresso de conquistadores que contam suas seduções

O escritor boliviano Juan Claudio Lechín retoma o gênero pícaro erótico no romance *A gula do beija-flor* (Editora Bertrand Brasil), vencedor do Prêmio Nacional de Romance 2003 da Bolívia. O livro conta a história de um velho sedutor, que, sendo entrevistado por uma apetitosa estudante de jornalismo, convoca um congresso de dom juans contumazes para que

cada um conte uma conquista memorável. Depois ele reconta as histórias como se vividas por ele para impressionar a jovem e, quem sabe, obter seu canto de cisne. Cada história mirabolante é relatada por um personagem diferente, em linguagem própria à sua personalidade, envolvendo o desenvolvimento da conquista a uma mulher casada virtuosa, uma religiosa fanática, uma adolescente relutante etc.

A Cepe - Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife - Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

KARINA FERITAS

Como seguir alguém que não se mexe?



Falecido há 10 anos, Roberto Bolaño deixou obra repleta de mistérios e dúvidas

Schneider Carpagiani

“Simular pequenas incertezas, porque, se a realidade é precisa, a memória não o é” – Jorge Luis Borges

O trauma persistente a farejar todos aqueles que contavam por volta dos 20 anos quando do 11 de Setembro Chileno; a pobreza absoluta pelo México e por um esquecido balneário espanhol; manifestos literários que tentaram em vão ultrapassar o real; fantasmas; a percepção de que nada vivo tem remédio e que, além, essa seria nossa salvação; cigarros; mais fantasmas; a certeza da morte prematura; mais cigarros; a escritura urgente para registrar essa coisa fugidia que só aparece quando não estamos olhando.

O parágrafo acima não é a tentativa de fixar alguma estética de Roberto Bolaño; e, sim, o desejo de traçar um mapa que nos ajude a “encontrar” o escritor chileno, ou melhor: o fascínio que sua literatura – repleta de rotas de fuga e armada sobre

uma árvore genealógica em que a escrita é paraíso e perdição – exerce. Alguns tentam seguir seus rastros pelo sol mofado de Blanes, cidade onde viveu suas duas últimas décadas, localizada a 22 estações de trem de Barcelona.

Tomar uma infusão num dos restaurantes de frutos do mar de Blanes ou tentar arriscar a sorte e descobrir se alguém hoje ocupa seu antigo apartamento (“estrategicamente” localizado no último prédio de uma rua sem saída), é itinerário obrigatório da “rota Bolaño”. Eu próprio caminhei, e tropecei, por esses passos, que decepcionam quem procura a visão de pontos turísticos fáceis e reluzentes, quando é justamente a ausência de pistas óbvias o grande atrativo da viagem. E convenhamos: nem sempre existe falta na ausência.

Este ano, o Centre de Cultura Contemporània de Barcelona (CCCB) entrou na “rota Bolaño”, ao inaugurar a mostra *Arxiu Bolaño 1977-2003*, que ficou



em cartaz até junho. Pela primeira vez, seus objetos pessoais foram colocados à mostra. Nos dois dias em que visitei a exposição, um detalhe me despertou a atenção: a baixa faixa etária do público (a maioria no auge dos seus 20 e pouquíssimos) em busca de se localizar no sinuoso labirinto literário deixado pelo escritor. Bem perto dali, na Fnac da Plaza Catalunya, seus livros eram expostos em primeiro plano na livraria da loja. Ainda que chileno, Bolaño é um “legítimo” orgulho espanhol.

Mas retorno à pergunta: qual a razão de tamanho fascínio? Ofereço algumas rotas de localização.

Bolaño escreveu não apenas algumas das obras mais importantes em língua espanhola do começo deste século. Também “criou” (e seus herdeiros e editores estão ajudando a disseminar) uma vida pública cercada de incertezas. Ganhou aura de herói das letras: o latino-americano exilado, que viveu de maneira errante, como um sobrevivente

da repressão política, até se estabelecer na Espanha e fazer nome como ficcionista. Certos episódios de sua biografia ocupam uma zona indecisa entre a lenda e a realidade. É o caso da história de que teria sido preso no Chile, em 1973, logo depois do golpe de estado que levou o general Augusto Pinochet ao poder.

Amigos de Bolaño, ouvidos em uma reportagem do jornal norte-americano *The New York Times*, acreditam que ele estaria a salvo no México durante o 11 de Setembro Chileno. A mesma reportagem fala de um suposto vício em heroína, mas não são poucos os que desmentem a fama de *junkie*. Em quem confiar, quando nada real, ou forjado, é mais fascinante que uma dúvida?

Na primeira biografia do escritor, lançada este ano, para aproveitar as efemérides (10 anos de morte e 60 anos do nascimento), *El hijo de Mr. Playa*, a jornalista mexicana Mónica Maristain põe terra

tanto na fama de *junkie* quanto na de bebedor inveterado de Bolaño. Segundo a biógrafa, ele preferia mesmo uma boa e inocente infusão e teria vivido uma existência normalíssima, dedicada à escrita e à leitura. Seu único vício seria a arte do flerte.

O fato é que, talvez sem as drogas, talvez sem a suposta resistência a Pinochet, Bolaño – ou melhor: sua persona midiática – não seria tão interessante, o que não causaria, obviamente, arranhões no valor de obras como *Detetives selvagens* e *2666*, que injetam movimentados arquétipos da literatura universal nos traumas de pobreza e repressão política da América Latina. Bolaño é hoje tanto um escritor quanto um mito, um produto bem-sucedido do *marketing* selvagem do mercado literário, e a recepção da sua obra sofre o impacto disso. A Fnac não nos deixa mentir.

No trabalho que desenvolvi como pesquisador da obra de Bolaño, quebrei a cabeça durante muito tempo em busca de uma rota segura para encontrá-lo, algum caminho que me levasse a compreender o impacto tamanho dos seus livros. A procura começou a ficar mais clara quando notei que precisava encontrar o “meu” Bolaño, antes de encontrar “o” Bolaño. Foi quando percebi que meu interesse de leitor residia justamente na recorrência de personagens fascinados por ausências (Perceba a inversão de fatores: não estou falando em personagens que buscam meramente encontrar alguém; e, sim, em personagens fascinados pelo vazio, pela casa abandonada e já sem rastro dos seus antigos moradores. Não se trata de encontrar; e, sim, sobre como se perder. Sobre como flagrar, como reter, a ausência?).

Bolaño fez o melhor da sua obra ao desenhar o contorno (e não o perfil) de desaparecidos. O mais importante é o túmulo vazio e não o autor do crime – e o túmulo vazio é uma das heranças mais fortes deixadas por décadas de repressão política para a história comum da América Latina. O autor soube revitalizar a matiz do romance policial – o que ajuda a compreender o apelo dos seus livros no competitivo mercado norte-americano, que, em geral, não é lá muito interessado em traduções e que até então resumia a literatura hispano-americana ao clichê do realismo mágico.

O CORPO AUSENTE

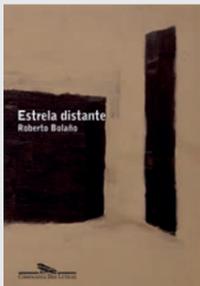
Estamos de volta ao local do crime, ao momento em que Roberto Bolaño revelou que seu desejo maior não era a escrita, mas a investigação policial. Que ele gostaria de ter sido alguém capaz de retornar sozinho, no meio da madrugada, em busca de mais e melhores pistas. Ficar parado diante do corpo, antes da chegada de outros colegas ou de testemunhas. Escorregar em poças de sangue e descobrir os porquês do criminoso, talvez mais que sua identidade. A literatura como investigação é uma das marcas de Bolaño, tanto em sua poesia, quanto em romances como *Detetives selvagens* e *Estrela distante*.

O romance policial é fruto da modernidade, de quando as grandes cidades levaram o homem a perder sua individualidade. Assim, procurar “marcas” permanece um exercício tão importante: é necessário encontrar-se, encontrar o outro, descobrir quem é esse outro ou mesmo questionar os porquês desse outro. Daí nasce o romance policial que vive à caça dessas marcas. Mas a investigação na literatura de Bolaño tem um elemento diverso, quando pensamos no romance policial clássico, na tradição erguida por Edgar Allan Poe no século 19, em que há mais conexões lógicas do que em um caso banal. Uma das diferenças é que Bolaño, o escritor, parece saber tanto quanto nós, seus leitores. Há uma inquietação e um hesitar em sua escrita que é próprio da literatura contemporânea.

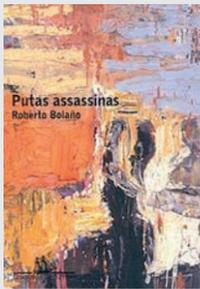
No romance *Estrela distante*, a questão não é quem cometeu o assassinato, mas quem criou a memória dessa morte, quem persiste com essas mesmas cenas na cabeça, apesar de terem passado tanto e tantos anos do crime? O assassino é tanto uma aparição fantasmagórica quanto o próprio morto e, quem sabe, até mesmo o detetive em questão. Papéis que se misturam, porque não há a certeza de um *grand finale* clássico. A investigação se dá em torno de lembranças e fantasias, e não em pistas e rastros, como no conto de Poe que formulou nossa ideia primeira de investigação na literatura, Os

CAPA

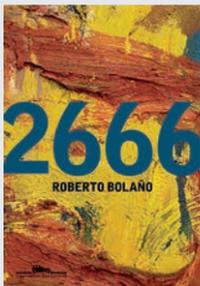
O que você não pode deixar de ler de Bolaño



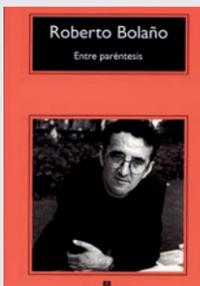
Em *Estrela distante*, pela primeira vez, o alter ego Arturo Belano dá as caras. Talvez o autor tenha decidido “se esconder” atrás de um personagem por conta das inúmeras referências autobiográficas presentes no texto. Aqui, Bolaño encara de frente o trauma do Golpe de Pinochet. Uma novela que inquieta o leitor ao ironizar com um dos principais arquétipos da literatura, o duplo. Os espelhos de Borges nunca estão distantes de nós.



Putas assassinas é a melhor coleção de contos do autor. Um deles, *O olho Silva*, promove uma espécie de homenagem ao nonsense emocional que encontramos muitas vezes na obra de Cortázar. Vale destacar o silêncio sufocante de *Gómez Palacio*, em que o narrador lembra uma temporada de penúria numa cidade do interior mexicano.



Os fãs mais ardorosos de Bolaño costumam colocar *Detetives selvagens* no topo das obras essenciais do autor. Mas é em *2666* que ele melhor mostra como sabe criar um universo de histórias labirínticas, que nos lançam num verdadeiro buraco negro. E mais: *2666* parece defender uma perigosa teoria estética por trás das suas assustadoras narrativas de mortes.



A Companhia das Letras está de novo lançando no Brasil não apenas a obra poética de Bolaño, também esse volume reunindo textos curtos, autobiográficos, e alguns comentários sobre literatura. *Entre parêntesis* traz a língua ferina típica do autor para analisar tudo ao seu redor. Não deixe de conferir sua crítica destruidora em relação aos exilados que ficam choramingando saudades de uma pátria que talvez tenha deixado de existir.

KARINA FERITAS



crimes da Rua Morgue (1843). “Poe mostrou que os atos humanos obedecem às mesmas leis que os fenômenos físicos, logo são previsíveis, logo podem ser deduzidos, logo o mistério é apenas aparência. E eis-nos no coração do romance policial”, explica a pesquisadora Bella Josef.

Num artigo sobre a relação entre literatura e psicanálise, Ricardo Piglia apontou que uma das melhores chaves para se compreender o mundo em que vivemos seria justamente o romance policial. Para o autor, trata-se do gênero moderno que melhor teria sobrevivido. Segundo Piglia, olharíamos hoje o mundo pautados pelas demandas do gênero policial; veríamos a realidade sob a forma do crime, tentando fazer relações entre lei e verdade ou mesmo entre a falta de coincidência entre a verdade e a lei.

Piglia continua sua abordagem lembrando que o gênero policial tem sido capaz de discutir o mesmo que a sociedade discute, mas de uma “outra maneira”. E é isso justamente o que a literatura faz: discute a realidade de outra maneira. Se não entendermos tal mecanismo de abordagem, estaremos pedindo que a literatura faça algo que, digamos, o jornalismo faria melhor. Para Piglia, um detetive policial é uma espécie de “filósofo”, que questiona a razão dos fatos o tempo inteiro. Um dos detetives do seu romance *Alvo noturno* chega a conclusões mirabo-

lantes apenas a partir das conexões guiadas por sua intuição, descartando a suposta “concretude” dos fatos. Ainda assim, é respeitado por todos. Há uma “lei” própria a guiar suas deduções. O detetive seria uma espécie de filósofo, talvez por isso o escritor carioca especializado em livros de mistério, Luiz Alfredo Garcia Roza, tenha batizado de Espinosa o investigador que percorre sua obra.

As características do detetive de Piglia nos remetem ao clássico texto de Walter Benjamin sobre o *flâneur*. Segundo Benjamin, a ociosidade do *flâneur* fez dele, ainda que de forma não deliberada, um “detetive”, alguém que captaria as coisas em “pleno voo”, podendo assim imaginar-se mais próximo do artista. O pensador alemão acredita que, incógnito em meio à multidão das cidades grandes, o *flâneur* sabe que a massa “desponta como o asilo que protege o antissocial contra os seus perseguidores. Entre todos os aspectos ameaçadores, esse foi o que se anunciou mais prematuramente; está na origem dos romances policiais. Em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo de conspirador, o papel do detetive pode também ser desempenhado”.

A investigação de *Estrela distante* é guiada por uma instituição bastante controversa, a memória. O alterego de Bolaño é envolvido na trama a contragosto: já não sabe mais se precisa voltar ao local do crime, embora tenha vivido à sombra desse



trauma do passado por décadas, e mais: parece se alimentar do trauma. Vive o (real) paradoxo de que, para esquecer, é preciso lembrar, relembrar o tempo inteiro. E relembrar com a utopia de estar relembrando “certo”.

Outra questão chama a atenção no romance de Bolaño: todos procuram um alguém incerto, um duplo incerto, sem rosto, que não faz falta, para além de lembranças pontuais. Não há como provar o crime, porque nem todos os corpos foram encontrados. Também por isso, esses anos de chumbo da América Latina permaneçam tão assombrados. Tão à espera de detetives que sigam suas próprias intuições.

Em *Detetives selvagens*, a busca é por uma escritora que não mais escreve há décadas, alguém que abandonou a obra e, por isso, sua função no mundo, além de ter abandonado também o próprio mundo. Mas como seguir alguém que não se mexe? Por que seguir alguém que deixou de importar e que, fantasias à parte, talvez nem tenha sido assim tão importante? Mas como não se deixar levar por fantasias, quando a realidade é uma grande traidora? Talvez a partir dessas constatações possamos nos aproximar da diferença, grande diferença, entre um conto clássico de Poe e um romance de Bolaño: Detetives procuram assassinos; escritores-detetives caçam fantasmas.

No *best-seller 2666*, tamanha busca pelo Vazio ganha contornos épicos: a desesperada caça de críticos pelos rastros de um escritor alemão desaparecido acaba se confundindo com o (real) genocídio de mulheres a ocorrer numa cidade industrial mexicana. Bolaño aproxima a autoria criminosa da autoria literária, ao mesmo tempo em que funde duas tragédias históricas (o horror da Segunda Guerra com os assassinatos em massa no México). O livro é ameaçador já pelo seu título, marcado por um milenarismo satânico. “Há livros que inspiram medo. Medo de verdade. Mais que livros, parecem bombas-relógio ou animais falsamente empalhados, dispostos a pular no seu pescoço, se você se descuidar”, apontou certa vez Bolaño, que parece ter escrito uma obra com a finalidade de entrar na categoria de “livros bombas-relógio”.

Gosto muito de um comentário que o escritor argentino Alan Pauls fez sobre *2666*. Segundo ele, o romance estaria entre as “obras que inventam mundos e formas que só alguém que já não é deste mundo nem se reconhece nessas formas pode inventar. Obras afetadas, doentes, inconsoláveis, que não se encaixam de modo nenhum no mundo em que aparecem. Obras-zumbi a que sempre falta algo, ou que sempre têm algo a mais, um extra, um suplemento que as impede de se adaptar. Daí a unidade estranha, ao mesmo tempo poderosa e

frágil, monumental e desajustada, de *2666*. Daí o tom que perpassa todo o livro: essa modulação distante, como que velada, ao mesmo tempo fúnebre e feliz”.

Bolaño, o meu Bolaño, o Bolaño possível que acredito ter descoberto, é um autor que sabe que já não é mais possível encontrar o corpo ou o assassino, porque o crime talvez tenha prescrito. Seus personagens fingem procurar alguém, sabendo que, na verdade, o mais importante é saber como se perder da forma mais exemplar. Suas obras me lembram de uma passagem da crítica argentina Beatriz Sarlo, que tão bem soube apontar a incerteza sobre a qual somos hoje obrigados a caminhar: “A memória e os relatos de memória seriam uma ‘cura’ da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que, até três décadas atrás, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco acessíveis à simples introspecção”.

DETETIVES POÉTICOS

Neste ano de efemérides, o Bolaño-poeta começa a emergir. O volume, reunindo boa parte da sua produção poética, *La universidad desconocida*, foi traduzido para o inglês. Bolaño começou sua carreira como poeta, em edições caseiras, que acabaram se perdendo com o tempo. Sua obra inicial foi escrita e publicada sob o signo do jovial movimento Infrarrealismo (1975-1977), fundado em parceria com Mario Santiago, na capital do México, durante o governo do presidente Luis Echeverría, que promoveu um incremento nas áreas de humanas das universidades, como forma de reatar a relação com os jovens, após a repressão do líder anterior, Gustavo Díaz Ordaz.

O Infrarrealismo não gerou qualquer obra significativa ou causou maior impacto durante seu período de vigência. Foi apenas um pedido de atenção, uma provocação, como costumam ser

Foi na poesia que o escritor chileno primeiro lançou mão da imagem do detetive como uma espécie de “filósofo” do mundo

todos os manifestos. O seu argumento descartava a existência de qualquer cânone literário chileno ou latino-americano. A ilusão/função maior do “novo” é sempre prescindir do passado, assassiná-lo, realizar um parricídio. Numa passagem do manifesto infrarrealista, os autores proclamam que seus pares literários são simplesmente “os francoatiradores, os planeiros solitários que assolam os cafés dos mestiços da latino-américa, os massacrados em supermercados, em suas tremendas desjuntivas indivíduo-coletividade”.

O desejo de Bolaño em ser um investigador de polícia tem seu registro inicial justamente numa série de poemas sobre detetives, que, primeiro, apareceu no livro *Los perros românticos* (publicado pela primeira vez em 1998, mas reunindo textos dos anos 1980). Esses poemas, segundo o pesquisador Matias Ayala, seria o registro inicial do que compreendemos por um “estilo Bolaño de escrita”. “A série sobre detetives provavelmente é o melhor da poesia de Bolaño, formada por textos que combinam o imaginário da novela policial, delírio e terror”, destaca Ayala.

Publicamos, nesta edição, essa série de poemas sobre detetives, com tradução do músico, tradutor e escritor Rodrigo Garcia Lopes. Apesar da Companhia das Letras estar fazendo um ótimo trabalho em publicar Bolaño no Brasil, sua obra poética continua inédita por aqui.

CAPA

KARINA FERITAS

Os primeiros mistérios de Roberto Bolaño

Confira a tradução de poemas *noir*, inéditos no Brasil, do escritor chileno

Tradução de Rodrigo Garcia Lopes

OS DETETIVES

Sonhei com detetives perdidos na cidade escura.
Ouvi seus gemidos, suas náuseas, a delicadeza
De suas fugas.
Sonhei com dois pintores que ainda não tinham
40 anos quando Colombo
Descobriu a América.
(Um clássico, atemporal, o outro
Moderno sempre,
Como a merda.)
Sonhei com uma pegada luminosa,
A senda das serpentes
Percorrida uma vez ou outra
Por detetives
Absolutamente desesperados.
Sonhei com um caso difícil,
Vi os corredores cheios de policiais,
Vi os questionários que ninguém resolve,
Os arquivos ignominiosos,
E logo vi o detetive
Voltar ao local do crime
Solitário e tranquilo
Como os piores pesadelos,
Eu o vi sentar-se no chão e fumar
Num dormitório com sangue seco
Enquanto os ponteiros do relógio
Viajavam encolhidos pela noite
Interminável.

OS DETETIVES PERDIDOS

Os detetives perdidos na cidade escura.
Ouvi seus gemidos.
Ouvi seus passos no Teatro da Juventude.
Uma voz avançando como uma flecha.
Sombra de cafés e parques
Frequentados na adolescência.
Os detetives que observam
Suas mãos abertas,
O destino manchado com seu próprio sangue.
E você não pode nem mesmo se lembrar
Onde estava a ferida,
Os rostos que você amou um dia,
A mulher que salvou a sua vida.

OS DETETIVES GELADOS

Sonhei com detetives gelados,
detetives latino-americanos
Que tentavam manter os olhos abertos
No meio do sonho.
Sonhei com crimes horríveis
E com tipos cuidadosos
Que procuravam não pisar nas poças de sangue
E ao mesmo tempo abarcar com um só olhar
a cena do crime.
Sonhei com detetives perdidos
No espelho convexo dos Arnolfini:
nossa época, nossas perspectivas,
nossos modelos de Espanto.



32 MIL REAIS EM PRÊMIOS

Inscrições: de 15 de junho a 30 de agosto de 2013

Regulamento: no site www.cepe.com.br

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO



CLÁSSICO

O retrato tal e qual Oscar Wilde pintou

Nova edição do *Retrato de Dorian Gray* traz pela primeira vez texto original

Kelvin Falcão Klein

O romance de Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*, foi publicado como livro pela primeira vez em 1891. No ano anterior, foi lançado em partes em uma revista literária da Filadélfia, a *Lippincott's Monthly Magazine*. Esse lançamento seriado gerou o mesmo tipo de problema que Gustave Flaubert, algumas décadas antes, havia sofrido com *Madame Bovary*: cortes, censura e muita intervenção editorial. E, assim como *Bovary*, o incômodo gerado pela história de Wilde estava em sua tonalidade “imoral”, “libertina” e “anárquica”. Assim como Flaubert, Wilde também iria a julgamento alguns anos depois (mas foi condenado, ao contrário do francês). No caso do processo envolvendo *Madame Bovary*, ocorrido em 1857, estava em questão a imoralidade do adultério e o ataque à instituição do casamento. No caso de *Dorian Gray*, o problema estava no homoeerotismo evidente da trama.

Diante da possibilidade de publicação em livro, mas tendo que ceder a uma série de críticas e intervenções, Wilde decide realizar sua própria edição. Nenhuma versão de *Dorian Gray*, portanto e desde então, correspondeu àquilo que Oscar Wilde havia escrito inicialmente. O romance faz parte de uma série de obras-primas que, por conta do arrojo em seus temas e em seus usos da linguagem, geraram escândalo e tamanho desconforto social que foram parar nos tribunais. Primeiro Flaubert, depois Baudelaire com *As flores do mal*, em seguida Wilde e, em 1919, foi a vez do *Ulisses* de James Joyce, quando ainda estava sendo publicado em partes em *The Little Review*. O romance de Joyce ficou banido tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos até a década de 1930. Pouco mais de trinta anos depois, Vladimir Nabokov publicava *Lolita* e o cenário foi semelhante – a primeira edição saiu em Paris e em seguida o livro foi banido na França e na Grã-Bretanha.

Diante disso, só o contato com o texto integral de *O retrato de Dorian Gray* já seria motivo de festa, mas a edição que agora temos em mãos vai bem além disso: em paralelo ao estabelecimento do texto integral, o livro também vem repleto de notas explicativas, que não são apresentadas no rodapé ou no final do volume, e sim nas páginas da esquerda, como numa edição bilíngue. O trabalho de pesquisa dos originais de Wilde foi feito por Nicholas Frankel, professor de Inglês na Universidade de Virginia. Trata-se de um exemplo perfeito daquilo que se costuma denominar “crítica genética”, ou seja, o contato com originais e manuscritos visando uma perspectiva crítica acerca do intervalo que existe entre o que o livro foi e aquilo que *poderia ter sido*. Frankel pesquisou os arquivos da revista *Lippincott's*, encontrando os originais que Wilde enviou aos editores, além de cartas, notas e comentários sobre o texto.

A edição resultante desse trabalho, contudo, não mostra apenas o texto original de Wilde, ou aquilo que se acredita estar próximo do “original”. E isso por uma razão simples: não basta apenas resgatar o material do arquivo, é preciso contextualizá-lo, preparar sua recepção potencial e reforçar a importância da descoberta. Para atingir essa série de elementos, Frankel preparou duas introduções, uma “geral” e outra “textual”, além de um compêndio descritivo dos trechos censurados na primeira edição do livro. Na primeira dessas introduções, Frankel aponta que se trata de “um dos primeiros romances em língua inglesa a explorar a natureza do desejo homoerótico e homosocial”, sendo por isso “uma obra subversiva, muito embora – ou talvez especialmente porque – faça um jogo de esconde-esconde com o fato de que o desejo homoerótico é a força que impulsiona seu enredo, ainda assim absorvente e macabro”. A versão não-censurada do romance deixa ainda mais evidente a preponderância dessa “força” na criação de Wilde.

Esse novo *Dorian Gray* foi publicado nos Estados Unidos pela editora da Universidade Harvard e, aqui no Brasil, foi lançado pela Biblioteca Azul da Editora Globo, com tradução de Jório Dauster. Em termos editoriais, a iniciativa deve ser louvada – raramente encontramos esse tipo de aparato crítico em livros que circulam fora do campo acadêmico. Além disso, a capa dura, a excelência da diagramação e a qualidade do papel e da impressão fazem desse *Dorian Gray* um livro de referência, que pode

REPRODUÇÃO



ser igualmente desfrutado tanto por aqueles que estão interessados na retomada da ficção de Wilde quanto por aqueles interessados também nas notas e nas introduções analíticas. Nesse sentido, a obra lembra os inestimáveis volumes da Coleção Arquivos da Unesco, que, no campo da literatura brasileira, apresentou edições definitivas de obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, e, no campo da literatura latino-americana, obras como *Rayuela*, de Julio Cortázar, e a obra completa de Juan Rulfo e Oliverio Girondo.

O surgimento dessa edição anotada e sem censura de *O retrato de Dorian Gray* também evidencia a atualidade do projeto literário de Oscar Wilde, seu intenso desejo de mesclar vida e ficção, e sobretudo sua coragem de lançar à superfície da literatura um complexo conjunto de temas e posturas que habitualmente se encontrava velado. Não fosse a história complicada dos termos, talvez fosse possível dizer de Wilde que era de fato “vanguardista” ou “moderno”, especialmente naquilo que essas palavras evocam de audácia e experimentalismo. Como sugeriu Harold Bloom em seu livro *Gênio* (e é Frankel quem evoca a citação em sua introdução geral), Wilde poderia, numa época diferente, ser um “superstar estético” – como Andy Warhol ou Truman Capote. Wilde inclusive foi um dos primeiros escritores britânicos a adotar a máquina de escrever como mecanismo de produção literária, ainda na última década do século 19.

O retrato de Dorian Gray, tal como apresentado agora com os comentários e as notas de Nicholas Frankel, é um livro feito de inúmeros outros livros. Por trás



da história de Lord Henry, o fútil inescrupuloso, Basil Hallward, o pintor, e Dorian Gray, o belo filho da aristocracia, existe uma vasta gama de referências que incluem desde escândalos sociais divulgados pela imprensa (os *faits divers* de Roland Barthes) até informações sobre tapeçaria, joias, jardinagem, e, principalmente, reflexões sobre literatura e pintura. Segundo Frankel, “*Dorian Gray* é um romance estético, profundamente preocupado com a percepção e discriminação da beleza na arte, na vida e na natureza”. Tendo estudado em Oxford, Wilde estava aparelhado em termos teóricos com o romantismo inglês, John Keats em especial, os escritos filosóficos de Kant e de Baumgarten, muita mitologia greco-romana, e também uma atenção especial aos seus contemporâneos, Whistler e Walter Pater entre eles.

No que diz respeito ao centro do romance, que é justamente o retrato de Dorian Gray, aquele que envelhece em seu lugar, Frankel escreve que “pinturas sobrenaturais estavam presentes na literatura inglesa desde o romance de Horace Walpole *O castelo de Otranto*, de 1764”. Mas na década de 1880 ocorreu uma “inundação de contos e romances nos quais retratos mágicos tinham papel de relevo”. Wilde não se baseou em nenhuma dessas histórias exclusivamente, porém incorporou em *O retrato de Dorian Gray* uma verdadeira coletânea de temas associados com a ficção de retratos mágicos. O romance de Wilde é o coroamento de uma tradição que inclui trabalhos consagrados, como *Prophetic Pictures*, de Nathaniel Hawthorne (1837); *O retrato oval*, de Edgar Allan Poe (1842); e *O retrato*, de Gógol (1835). Talvez as referências pareçam um pouco rarefeitas com a

Na época do seu lançamento, a obra sofreu uma série de cortes devido ao seu caráter francamente cheio de referências homoeróticas

distância histórica, mas faziam muito sentido para o leitor de fins do século XIX.

Wilde foi também influenciado pelo livro *Melmoth the Wanderer* (1820), escrito por seu tio-avô materno, Charles Maturin, no qual um retrato do malevolente Melmoth (que negociou com o demônio uma vida mais longa e uma aparência não modificada) fica escondido num armário e tem olhos que se movem. *A pele de onagro* (1831), de Balzac, também afetou Wilde – no romance, uma imagem de Cristo exerce sinistra influência e uma pele de asno se torna um registro objetivo e visível da degeneração de seu dono. Curiosamente, Balzac publica em 1835 seu *Melmoth apaziguado*, uma espécie de continuação para

o romance de Maturin. Melmoth retorna também em Nabokov, em *Lolita* – “Melmoth” é o apelido que Humbert Humbert dá ao seu carro, aquele que usa para atravessar os Estados Unidos com sua ninfeta Dolores. E retorna mais uma vez, agora em chave melancólica, nos anos derradeiros de Oscar Wilde, depois de sua prisão por “flagrante indecência”: ele passou a usar o nome *Sebastian Melmoth*, evocando o martírio de São Sebastião – ícone gay – e o protagonista do romance de seu tio-avô. É no mínimo irônico que o maior sucesso comercial de Wilde em vida tenha sido o poema *A balada do cárcere de Reading*, escrito pouco após o término da pena de prisão. Frankel escreve que sete versões autorizadas do poema, “cerca de sete mil exemplares”, foram impressas na Inglaterra antes da morte de Wilde.

Com uma distância de 120 anos, é possível atentar para o caráter exemplar da trajetória de Wilde, um artista entre dois séculos, que fez convergir para sua obra temas que ainda demorariam muito para receber a atenção devida. Não há sentido fixo com relação a Oscar Wilde ou seu romance – é impossível dizer em que momento a vida deixa de ser vida e passa a ser ficção, e vice-versa, ou em que momento a criação literária abandona suas referências e encontra a evidência de sua emergência única. Wilde disse certa vez, conta Frankel, que Lord Henry é “quem o mundo pensa que sou”; que Basil Hallward é “quem eu penso que sou”, mas Dorian é “o que eu gostaria de ser – em outras eras, talvez”. Que o autor possa continuar *sendo, existindo e reverberando* em cada leitura ou releitura que se inicia – seja ele quem for, Oscar Wilde, Sebastian Melmoth ou Dorian Gray.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Louis-Léger Vauthier

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

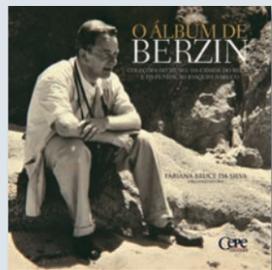
R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

R\$ 90,00



SONETOS QUASE SIDOS
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

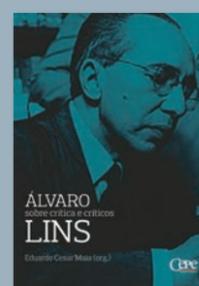
R\$ 40,00



COLEÇÃO ACERVO PERNAMBUCO

A coleção Acervo Pernambuco reúne livros inéditos, raros ou fora de catálogo, que têm importância fundamental para o Estado, o Nordeste e o País. Entre os vários autores estão Ulysses Lins de Albuquerque e Mário Melo.

R\$ 15,00 (cada)



ÁLVARO LINS: SOBRE CRÍTICA E CRÍTICOS

Organizada por Eduardo Cesar Maia, a obra é uma homenagem ao centenário do nascimento de um dos maiores críticos literários que o Brasil já teve, Alvaro Lins. O livro reúne artigos sobre crítica e críticos de sua época, selecionados dos seus livros.

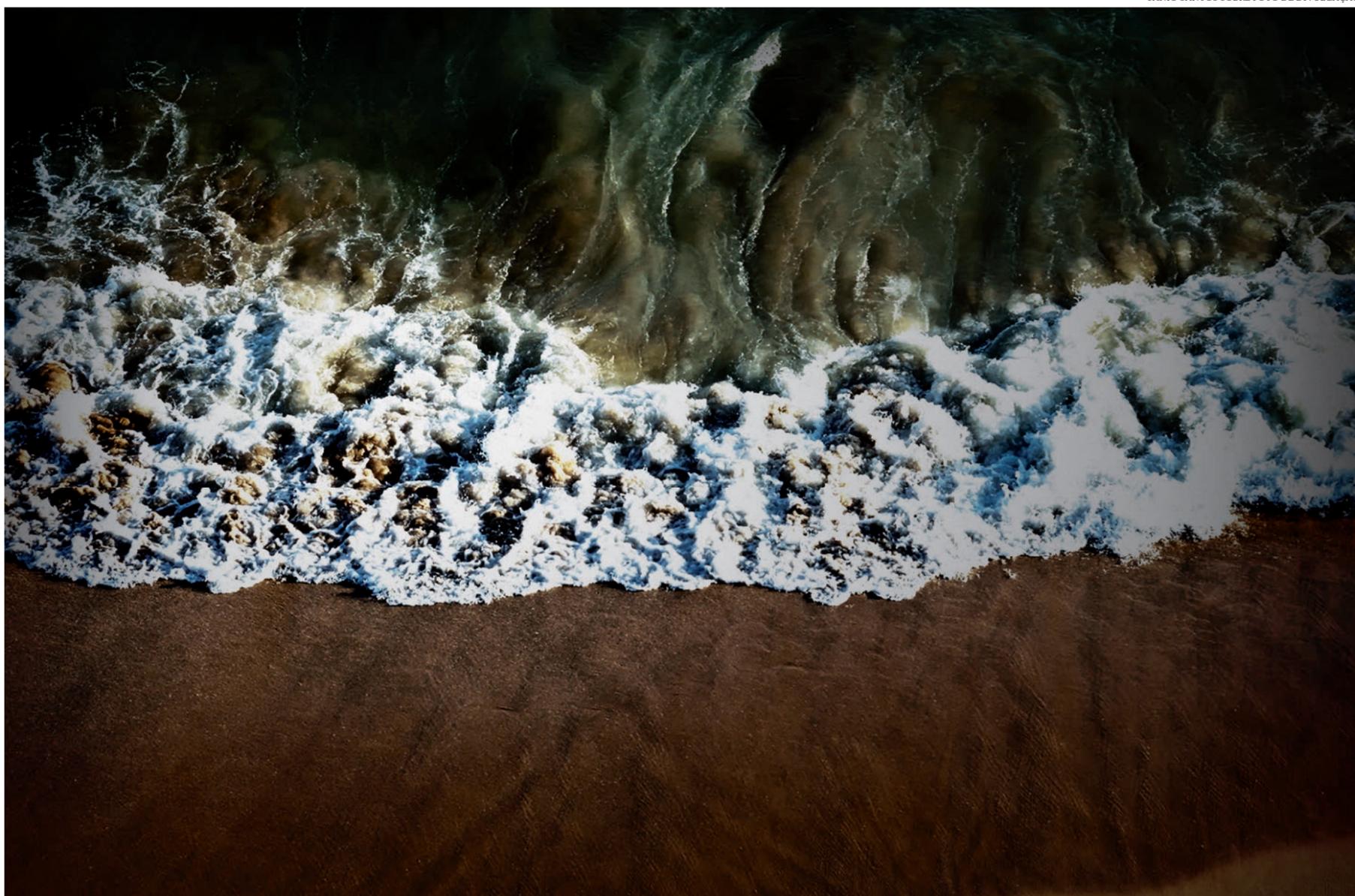
R\$ 35,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

MEMÓRIA

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Um monstro chamado luto

Depoimento concedido a Ricardo Viel

Ele, um escritor estadunidense que, aos 50 anos e com um divórcio no currículo, acreditava que o grande amor da vida já não chegaria. Ela, uma mexicana de 26 anos que começa a despontar no ambiente literário. Em Nova Iorque se conhecem. Dois anos depois, no México, se casam. Vivem durante quatro anos uma história de amor intensa e cheia de planos até que uma onda, que foi dar numa praia do Pacífico, acaba com tudo. No dia 25 de julho de 2007, vítima de uma lesão na coluna, Aura Estrada morreu, e Francisco Goldman perdeu o chão. Passou meses de profundo desalento, bebedeiras e alucinações. Até um dia ser encontrado ferido e desacordado na rua. Ao sair do hospital, decidiu que, em respeito a Aura, tinha que viver dignamente. Se fosse um alpinista provavelmente teria atacado o Himalaia, diz. Como é escritor, escreveu. Em 2011, Goldman publicou *Say her name* (*Diz seu nome*, em inglês), que recebeu ótima crítica nos EUA e foi eleito o melhor livro estrangeiro do ano na França – lançado também em espanhol, chegará ao Brasil, em breve, pela Companhia das Letras. Nesse romance que mistura memória e ficção (ao recriar a infância e juventude de Aura), Goldman relata, de maneira doce e delicada, seus anos com a esposa e o vazio que enfrentou após sua morte. De sua casa no México, o escritor conversou com o **Pernambuco**. Leia trechos da entrevista.

SOBRE NÃO FUGIR

“O processo do luto, no meu caso, foi muito severo. O livro mostra o traumático que foi. Fui diagnosticado com vários transtornos mentais, episódios psicóticos menores (alucinações) e depressão. Os especialistas dizem que, se você tem alguém que está no centro da sua vida, que

identifica como a sua felicidade e essa pessoa morre em um instante, de maneira violenta, isso te destrói. As estatísticas de pessoas da minha idade que passam por algo assim são muito fortes. Propensão a várias doenças, ao alcoolismo e outras coisas. Dez anos de vida, em média, é o que perdes. Hoje, passados quase seis anos, eu estou muito bem, mas acho que estou assim porque nunca fugi de nada, tentei viver como tinha que viver aquilo.”

RECORDAR

“Claro que eu penso na Aura todos os dias. Não acho que esquecer seja um bom conselho. Mas o livro não foi meu luto, são coisas à parte. Fiz o luto onde tinha de fazê-lo, com meu terapeuta. Não duvido de que o livro tenha complicado meu luto, mas eu sentia que devia isso à Aura. E, segundo, é o meu ofício. Caí num abismo e cheguei a um ponto em que estava me autodestruindo. Toquei fundo. Falo da noite em que um carro me atropela. Depois disso eu digo: você não vai morrer e tem que fazer algo. Meu trabalho é uma benção, sou escritor, é o único que sei fazer; então, para mim, voltar ao meu ofício era voltar a escrever, e não podia escrever nada além disso. Era o único que me interessava. O processo de escrever foi, de certa maneira, o que a escritora Joan Didion chama de *magical thinking*, ou seja: negar que o ser querido está morto. Acreditar que ele pode voltar. Essa é a crença mágica. Escrever esse livro era uma maneira de tentar fazer Aura voltar todos os dias. Não é um relato triste, precisamente porque eu estava revivendo a Aura, e, às vezes, nem revivendo, porque escrevo muito sobre a época em que não nos conhecíamos – é quando entra a imaginação. Quando se está vivendo um luto traumático, o passado é muito mais vivo que o presente, é o presente que quase não existe. O passado brota constantemente. Um

dia você está casado, apaixonado, e no outro... Você não muda, continua sendo o esposo. Essa é a loucura, é um estado de pura loucura. O passado está aí. Eu me sentava a escrever e a Aura ainda estava.”

UMA PROMESSA

“Na minha imaginação, no bilhete que eu pensava em colocar no caixão – e não pude porque estava lacrado –, constava que, entre outras coisas, eu escreveria um livro sobre ela. Depois, com o livro já publicado, revisei essa nota e vi que não havia escrito isso. O que, sim, estava escrito era que eu publicaria uma coleção com seus textos, o que fiz, e que criaria um prêmio literário com seu nome, que também fiz. E depois me suicidaria. Mas não, eu não sou assim, sempre tive muita vontade de viver. Creio que há muitas maneiras de enfrentar um luto e estou seguro de que nenhum terapeuta dirá para alguém fazer o que eu fiz, mas, sem querer me vangloriar, o que eu fiz foi, da minha maneira, viver aquilo como tinha que viver, como um soldado no *front*.”

PARTE DE MIM

“Conto no livro que, às vezes, escrevia *e-mails* a Aura depois da sua morte. Ainda o faço. Para mim, é muito importante. Ela é parte de mim agora. É o que Freud dizia: é preciso buscar uma maneira de incorporar essa perda a você. O amor que tive com Aura é parte de mim. Estou tranquilo agora, bem, mas ainda há momentos horríveis, desses em que, de repente, você se lembra da chegada da onda, da morte, e está cheio de incredulidade. Como pode ser? Como pode ter acontecido isso? Não pode ser, não é possível. E o seu corpo se enche de adrenalina, e você chora. Isso pode acontecer a qualquer momento, e isso também fará parte de você, para sempre.”

INÉDITOS

Miguel Sanches Neto

TODAS AS MÃOS

Eu era ainda menina e frequentava um curso de música. Minha mãe trabalhava de bibliotecária na Faculdade de Direito, e me falava dos grandes escritores que haviam passado por lá, Castro Alves, Tobias Barreto, e eu fui criando um desejo de viver outras vidas. Na volta de uma das aulas (ela sempre ia me pegar na escola), passamos em frente a uma loja de móveis usados, dessas cheias de quinquilharias. Num canto, sob umas cadeiras, estava um piano branco, de um branco encardido. Eu olhei para ele. A mãe também. Paramos na calçada. Alguém esbarrou na gente. Entramos na loja e coloquei a mão no tampo do piano, como quem toca a imagem de um santo. Na infância, a gente se apegava mais aos objetos. Apareceu um homem magro e com roupas largas – devia usar peças que comprava de segunda mão. Não disse nada. Até hoje, gosto dos vendedores que apenas ficam em silêncio ao meu lado, que me olham com carinho e respondem às perguntas com voz baixa, educadamente, sem querer nos vender algo. Ficamos os três ali em silêncio, como se estivéssemos rezando. A mãe perguntou se podia ver melhor o piano. Eu já identificara o fabricante famoso – a casa Pleyel & Lion & Cia, de Paris. Ter um objeto de Paris, mesmo comprado numa loja de usados, era realizar um sonho. O homem magro tirou os outros móveis de cima do meu piano – sim, eu sabia que ele seria meu –, arrastou outros que ficavam ao redor dele, e o deixou bem no meio do corredor. O piano tinha pés torneados, detalhes em metal e dois pedais. Não era grande, por isso se ajustava à nossa vida. O vendedor trouxe uma banquetta, com o estofado recapado de veludo envelhecido, e olhou para mim. Eu me sentei, abri o teclado, coloquei os dedos sobre as teclas de um marfim amarelado, mas não apertei.

– Quanto o senhor está pedindo pelo piano? – minha mãe perguntou, com muito cuidado.

Tive uma crise de taquicardia. A garganta ficou seca. Em compensação, os olhos se encheram de água. Mas não chorei. Esperei a eternidade daquela resposta, pois ele foi até a sua mesa, uma mesa antiga coberta de coisas também para vender, e pegou um caderno, onde devia anotar os preços. Pensou uns segundos e disse, também com lentidão, o valor e o número de vezes em que podia parcelar.

Eu sabia que era muito dinheiro.

Minha mãe engravidara de um amigo, que foi embora antes de saber da gravidez. Isso ainda era um escândalo na década de 1970, mas ela tinha o seu emprego e queria um filho. Nunca me senti órfã, mas desejava uma presença masculina em casa.

A mãe então disse que ficaria com o piano. Gostei de ela não ter discutido preço, isso me faria sofrer com a possibilidade de perdê-lo. E, no mesmo dia, o piano entrou em nosso apartamento na Rua do Hospício. Colocamos a mesa de jantar em uma das paredes para que ele tivesse um espaço só dele.

Quando minha mãe chegava do serviço, e principalmente se vinha cansada ou contrariada com algo, eu corria para o piano e tocava as músicas aprendidas na escola. Ela cozinhava ao som de Bach, de Mozart, de Villa-Lobos e de tantos outros. Devíamos ser muito mal vistas no prédio. Quase ninguém nos visitava, e ficávamos ali com nossa mania musical. Minha mãe não entendia nada de música. Nascera na roça, vindo cedo para o Recife. Daí engravidou, parou os estudos e teve a sorte de ser contratada pela Universidade.

Eu não fiz Direito, mas Odontologia. Mesmo na época da faculdade, eu não deixava de tocar, e passava dos dentes estudados no curso para os teclados de marfim. Eles estavam precisando de um clareamento. Quando comecei a atuar na profissão, achei que não sobraria tempo para o piano, que se tornara apenas um hobby. Mas nos dias de maior desânimo, eu ia direto para ele e tocava. Minha mãe parava o que estivesse fazendo para me ouvir.

Ganhei algum dinheiro e comprei um apartamento novo. Decidimos nos desfazer de todos os móveis velhos. Só levamos o piano, porque o piano não era um móvel.

Como não havia espaço na sala, ele ficou no meu quarto. Eu me casei, e deixamos o apartamento para minha mãe. Agora só tocava o meu Pleyel quando ia visitá-la nos finais de semana. Vieram os filhos, multiplicando as obrigações. Um dia, lembrei-me que não tocava piano havia mais de um ano. Saí do consultório para o apartamento de minha mãe, que, aposentada, dedicava seu tempo à leitura. Dizia que tinha vivido entre livros, mas que lera pouco. Agora, que não precisava mais guardar, catalogar e emprestar livros, podia enfim amá-los de outra forma. Cheguei

com a minha roupa branca de trabalho. A mãe atendeu a porta de bermuda e camiseta. Parecia uma menina. E senti um amor imenso por ela. Não falamos nada. Era como na minha infância. Ela foi para a cozinha preparar algo. Eu para o piano, que continuava no mesmo lugar. Meu quarto não mudara, havia até roupas minhas lá, roupas de 10 anos atrás.

O branco de minha calça criava um contraste com o branco encardido do piano. Eu toquei umas três ou quatro músicas enquanto a mãe arrumava a mesa da sala. Depois, ela me serviu café e bolo. Bebemos e comemos sem trocar uma única palavra.

– Estávamos com saudade – ela disse.

Voltei quase todos os dias para tocar para minha mãe. Deixava os últimos horários na minha agenda de dentista vagos para poder ficar uma horinha com ela. Ganhei de novo uma chave do apartamento, para o caso de chegar e ela ter saído. Mas ela nunca saía. Esperava por mim.

– Você não quer levar o piano para a sua casa? – ela perguntou na hora de se despedir.

– Ele jamais sairá daqui – falei, sorrindo.

Mas o destino tratou de me contrariar. Uma tarde a mãe não atendeu a campainha. Eu voltaria depois, ela devia estar na rua – eu tentava me enganar. Chamei o elevador, mas quando ele chegou, mudei de ideia. Tocar apenas uma música e depois ir embora, pensei. Ao abrir o apartamento, comecei a chorar. E foi chorando que entrei em seu quarto. Ela não estava lá. Eu a encontrei morta na minha cama. Infarto, disse meu marido, que é médico. Não me interessa saber do que ela morreu, e sim se morreu me esperando. Morreu lembrando de alguma música? De meu pai? Só então me dei conta de que nunca soube dos amores de minha mãe. Teria tido muitos namorados nesses anos todos? Teria renunciado ao sexo? Será que se satisfazia na hora do banho? Vendo-a morta, parei de chorar. Sentei ao piano e toquei várias músicas.

Depois de vender o apartamento, com todos os móveis, me senti melhor. Queria me lembrar dela e de mim de outra forma. O piano foi para um restaurador. Só me encontrei com quem o reformaria numa sexta-feira à tarde. Era uma loja antiga, havia outros pianos em melhor e pior estado. Senti-me como no dia em que o descobrimos numa loja de usados. Este homem também era silencioso. E me apresentou o orçamento.

– A senhora vai gastar mais do que ele vale.

– Mas ele vale muito.

– É um piano de 1870. Talvez a madeira esteja danificada, com cupins. A pintura pode ter sido feita para esconder os estragos.

– Vamos remover a tinta.

– Falo isso apenas para a senhora não criar expectativas.

Um ano depois o piano ficou pronto, o restaurador trabalhava sozinho, tinha muito serviço, mas o que fez mesmo atrasar foi a substituição de umas peças, mandadas vir do exterior. Neste período, embora ele estivesse desmontado, eu passava lá uma vez por semana. Não era possível tocar, mas eu precisava de alguns momentos com o meu Pleyel.

Vi quando surgiu a textura original do jacarandá, com o seu tom avermelhado, os veios escuros e brilhantes. Não havia nenhum defeito, nem mesmo um risco mais fundo. Nenhum buraquinho de inseto. A madeira devia ter sido cortada na lua minguante, quando os veios da árvore se estreitam, pois neste período a seiva circula muito pouco, e a madeira se torna compacta, resistente a fungos, cupins e brocas. Apenas algumas peças de metal tiveram que ser substituídas.

– O senhor imaginou a viagem que este piano fez?

– Era fabricado em Paris – ele disse.

– Mas a madeira saiu daqui. Alguns escravos derubaram a árvore, ela foi para uma serraria, levada em um carro de boi, depois virou pranchas. Eram sempre mãos escravas que transportavam a madeira, e deve ter sido assim até chegar ao navio que levaria para a França as peças ainda verdes.

O senhor Roberto parou o serviço que estava fazendo, lixava um canto da madeira, para ouvir. Era a mesma reverência que eu encontrava em minha mãe quando eu tocava. Então, percebi ser possível fazer música com as palavras, contando uma história.

– Os escravos faziam aquele transporte por obrigação. Talvez gostassem de mexer com as madeiras, mas as mãos deles estavam cheias de farpas e tinham muitos calos. Ninguém pode amar algo que machuca. O jacarandá era jogado de um canto para o outro, até chegar ao navio. Descansou na viagem, e quando foi descarregado na França, já não eram mãos escravas que



o transportavam, embora também mal pagas, e por isso não tinham muito carinho pela madeira. O jacarandá só conhecerá o amor quando chegar à fábrica da Pleyel. As mãos ali são de quem reverencia o trabalho, e são bem pagas. Os artesãos cuidarão carinhosamente da madeira, escolhendo a melhor maneira de aproveitá-la. É uma madeira cara, e escassa. Saiu das florestas distantes dos trópicos para que se transformasse em algo mais duradouro do que uma árvore.

– Ela já vive 140 anos nesta outra vida – o senhor Roberto diz, olhando para o piano.

– O piano fica pronto e recebe a primeira ordem de tocar uma música, ainda produzida apenas para teste, para conferir a qualidade. Depois a viagem de volta. Ele já não é madeira. Vem protegido em um caixote. As mãos tomam mais cuidado ao transportá-lo, mas não são mãos amorosas. Só quando chegar à loja, quando for exposto numa vitrine, depois de o afinador tocar nele para ordenar os seus sons, é que o piano de jacarandá conhecerá a intensidade ao ser comprado por uma família rica. A filha ou a mulher tocará nele em noites de reunião ou de festa. E a antiga árvore se encherá de melodias, rendendo-se às mãos que não param de acariciar as teclas.

– Mas também houve morte e esquecimento – completa o senhor Roberto.

– Sim, morreu a mãe ou a filha envelheceu muito, o piano ficou para a neta, que não sabia tocar, porque a família perdera aquele desejo de sofisticação, mas a

netta guardou o piano na garagem, não cabia na casa, até o dia em que vendeu a uma vizinha, cuja filha estudava música. O piano escuro não combinava com a mobília da casa, daí pintaram tudo de branco, uma cor mais jovem, e a nova dona tocava peças modernas nele, mas um dia saiu de casa, esteve em vários países, casou-se em Viena, onde tem um piano de cauda, e só vinha visitar os pais de tempos em tempos, e nem olhava para aquele pianinho cafona. Os pais então o vendem para uma loja de usados, e ele fica ali mais alguns anos, até que uma menina pobre se encanta por ele, e as suas mãos juvenis ressuscitam os sons, testando a ressonância da caixa de jacarandá. Serão anos de alegria e amor pelo piano, mas ela também o abandonou, corrigindo depois o seu descaso. Em resumo, um piano está sempre esperando nossas mãos.

– A madeira também – disse o senhor Roberto, voltando a lixar o jacarandá.

– O senhor me desculpe por esta história boba.

E sai rapidamente da loja. No carro, coração acelerado, chorei pensando nas mãos de minha mãe. Na minha ausência, mesmo sem saber tocar, ela devia tirar notas soltas do piano. A solidão era exatamente isso: notas soltas; uma melodia que não se faz.

Nós mesmos resolvemos buscar o piano na camioneta de um amigo. Meu marido, este amigo e eu. O senhor Roberto nos ajudou a colocá-lo na carroceria, protegendo-o com cobertores e amarrando-o; e ainda seguiu conosco.

– Eu poderia ter mandado entregar, mas não seria a mesma coisa para a senhora – ele disse.

Assim que colocamos o piano na sala, o vermelho do jacarandá contrastando com os móveis modernos e as paredes claras, numa reprodução da brancura dos consultórios onde meu marido e eu trabalhamos, eu me sentei na banquetta nova que tinha comprado para esperá-lo, como quem compra o enxoval da criança que ainda não chegou, e toquei uma música. Todos aplaudiram. Eles estavam ao meu redor, em pé. Eu me ergui e, juntos, aplaudimos mais. Não pela minha atuação; aplaudimos o piano.

Sempre achei que eram duas ou quatro mãos que tocam um piano, mas ali, com aquele pequeno público, eu, que nunca me apresentei como pianista, descobri que são muitas as mãos sobre um teclado. As mãos dos que cortaram e beneficiaram a madeira. As mãos dos que a transportaram. As mãos daqueles que construíram e testaram o piano. De todos que tocaram nele. E também daqueles que aplaudiram as músicas executadas. Eram também as mãos de minha mãe que lhe roubavam notas solitárias. E as mãos do restaurador. E por fim as minhas próprias mãos. Todas aplaudindo.

À noite, quando perco o sono, venho para a sala no escuro e fico olhando o canto em que o piano dorme. Sinto-me no meio da floresta, com a sensação boa de ter devolvido o jacarandá a uma mata há muito extinta.

RESENHAS

DIVULGAÇÃO



De quando a curiosidade é o combustível

Coletânea reúne as principais crônicas de Eliane Brum publicadas no site da *Época*

Schneider Carpegiani

Talvez o meu comentário seja uma verdadeira cruz, mas alguém vai ter de carregar: a função primordial de qualquer cronista é despertar a confiança dos seus leitores. Não falo aqui de uma confiança “jornalística”, do tipo que sempre lança mão daquelas duas palavras tão cheias de significados, e por isso mesmo contraditórias, “isenção” e “verdade” (sim, não dá para deixar de usar aspas em se tratando desses conceitos). Mas a confiança de que alguém irá preencher seu pensamento com ideias que vão lhe desestabilizar, provocar raiva ou o necessário desconforto quando a estabilidade é um problema (e convenhamos: em algum momento ela vai se tornar um problema), com certa regularidade.

Com os cronistas, os “nossos cronistas”, podemos concordar ou discordar, brigar, travar guerra e paz. Sentimentos que fazem parte do pacote da “confiança”.

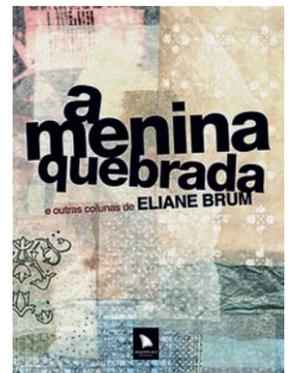
Tenho uma lista de autores a que sempre recorro quando preciso me desprogramar, repensar os fatos e “reiniciar o sistema”. A gaúcha Eliane Brum, desde que passou a publicar uma coluna semanal no site da revista *Época*, faz parte dessa listagem. Seus textos investigam, com o olhar clínico da repórter e a sensibilidade de uma ficcionista, dramas e vidas que muitas vezes poderiam passar despercebidas, invisíveis nas páginas dos jornais ou nas redes sociais. Os tais desacontecimentos, neologismo que é mais irônico do que real, porque no fundo tudo “conta”, tudo “incomoda”, tudo “dói”. E Eliane tem um faro para os melhores, e mais incômodos, desacontecimentos.

Num momento em que as obras de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos começam a ser revistas e a ganhar reedições cuidadosas, é bom ver que o gênero crônica se reinventa e se atualiza graças ao esforço de gente

como Eliane Brum. A reunião das suas colunas publicadas no site da *Época*, *A menina quebrada*, inclusive, é lançada pela Arquipélago, editora que tem feito um ótimo trabalho em publicar a nova geração de cronistas do País. Foi o caso do ótimo livro *Nós passaremos em branco*, do curitibano Luís Henrique Pellanda, lançado em 2011, que acabou sendo finalista do Prêmio Jabuti.

O rebanho reunido de textos de *A menina quebrada* ajuda a redimensionar a importância da obra de Eliane Brum, além de revelar o quando a curiosidade *non-stop* é o combustível básico para quem quer continuar incomodando o mundo com palavras: “Escrevo porque a vida me dói, porque não seria capaz de viver sem transformar dor em palavra escrita. Mas não é só dor o que vejo no mundo. É também delicadeza, uma abissal delicadeza, e é com ela que alimento a minha fome. Desde pequena sou uma olhadeira e uma

escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais. Foi isso o que fez de mim repórter, que é muito mais do que uma profissão, é um ser/estar no mundo. Mas talvez só nesta coluna de opinião, que agora vira livro, eu tenha compreendido o quanto a minha curiosidade é gulosa.”



COMUNICAÇÃO

A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum
 Autora - Eliane Brum
 Editora - Arquipélago
 Preço - R\$ 39,90
 Páginas - 432

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

LIÊDO E CANÇÃO

Autores serão lançados com festa de cordelistas no mercado da Madalena no dia 6 de julho

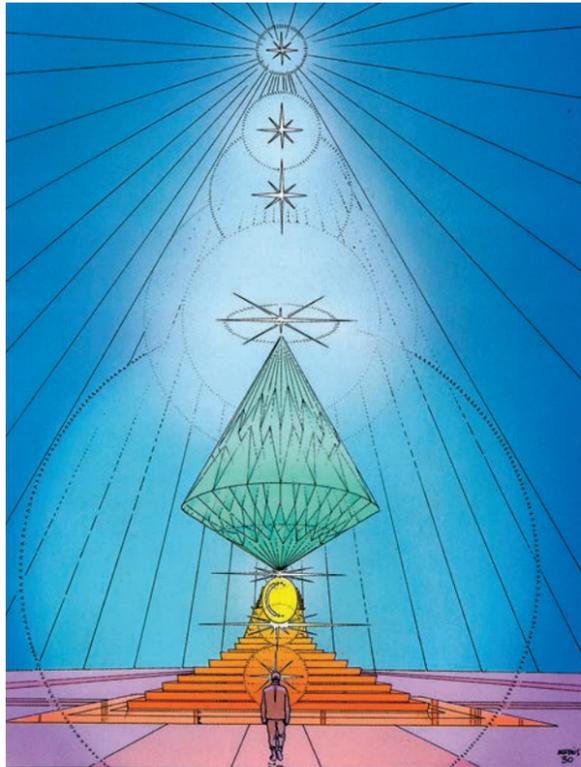
A Cepe Editora vai movimentar o mercado público da Madalena, no sábado, dia 6 de julho, a partir das 10h. A editora lança a edição revista e atualizada de três livros do pesquisador autointitulado “porta-voz do povão”, Liêdo Maranhão (foto), em um volume: *Classificação popular da literatura de cordel, Que só, e Marketing dos camelôs de remédio*

ou *O mundo da camelotagem*. Do poeta Cancão, um dos ícones pernambucanos da literatura de cordel, serão lançados quatro livros, também em um só volume: *Musa sertaneja, Flores do Pajeú, Meu lugarejo e Poemas inéditos*. O evento vai atrair poetas e apreciadores da literatura de cordel, para uma grande homenagem aos dois mestres da cultura popular.

DIVULGAÇÃO



REPRODUÇÃO



Um clássico do HQ

Um ano após a morte do francês Jean Giraud, o Moebius, a editora Nemo nos dá um excelente motivo para relembra e aclamar o talento de um dos grandes mestres dos quadrinhos de todos os tempos. Com o lançamento do primeiro volume da série *O Mundo de Edena*, inédita no Brasil, podemos novamente entrar em contato com o idílico e intrincado universo desse autor que priorizou a ficção científica nos seus roteiros e desenhos, e que nos transportou a mundos mágicos, impensáveis, futurísticos e surpreendentes.

Nessa história, Moebius recria o mito bíblico do Gênesis, do Jardim do Éden, de Adão e Eva, mas numa perspectiva bem diferente: as origens e mitos que eles se referem são às das máquinas, que se interligam, emocional e psicologicamente, com os humanos, ou melhor, com os “seus” mecânicos.

Originada de uma encomenda feita pela

indústria automobilística Citroën, a história ganhou vida própria, virou série com seis exemplares, lançada há 30 anos, no auge da produção do francês.

Mesmo com três décadas, continua atual, mostrando a perfeição do desenho, a intensidade e a inventividade do trabalho de Moebius **(Danielle Romani)**



QUADRINHOS

O Mundo de Edena

Autor - Moebius

Editora - Nemo

Preço - R\$ 49,00

Páginas - 64

DIVULGAÇÃO



Encontro com Silviano

O engajamento de Silviano Santiago (foto) com o presente é impressionante. Um dos principais críticos literários do Brasil mantém sempre um olhar atento para os caminhos que a literatura está tomando, seja investigando a produção dos novíssimos autores brasileiros; seja pelo seu fascínio diante da obra do escritor chileno Roberto Bolaño. Uma boa oportunidade de conferir isso é a coletânea *Aos sábados, pela manhã*, que reúne artigos publicados pelo escritor e crítico literário Silviano Santiago no *Sabático*, suplemento do jornal *O Estado de S. Paulo* que circulou de março de 2010 até o início deste ano. Organizados e apresentados pelo pesquisador Frederico Coelho, os textos trazem as impressões de Santiago sobre assuntos

que vão da alquimia poética do Modernismo ao narcisismo da era digital, e revelam a perspectiva interdisciplinar que tem marcado a sua produção, promovendo um raro intercâmbio entre a análise literária e outros campos de saber, sempre com clareza, erudição e textos de raro sabor literário.



ENSAIO

Aos sábados pela manhã

Autores - Vários

Editora - Rocco

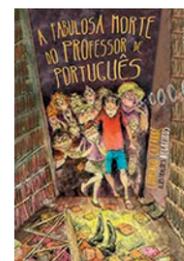
Preço - R\$ 36,50

Páginas - 320

PRATELEIRA

A FABULOSA MORTE DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS

Ação, mistério e muito humor prendem o leitor nesta história de suspense dirigida ao público juvenil. No centro da narrativa estão Mariana e Teodoro, repórteres do jornal do colégio, que se envolvem na investigação da morte do professor e crítico literário mais odiado da cidade, ocorrida durante a inauguração de uma livraria. As ilustrações reforçam o lado cômico da história através do traço de Negresco, freelancer que trabalha para diversas editoras.



Autor: Lourenço Cazarré

Editora: Autêntica

Páginas: 112

Preço: R\$ 34,00

JANO, JANEIRO

Reproduz os ensaios *Jano, Janeiro*, publicado em 1966/1967 e *Retórica da verossimilhança*, publicado em *Uma literatura nos trópicos*, em 1978, nos quais Silviano Santiago analisa o aprimoramento da imaginação criadora de Machado de Assis, tomando por base textos antigos do autor, identificando elementos que deram origem aos livros *Ressurreição* e, posteriormente, *Dom Casmurro*.



Autor: Silviano Santiago

Editora: UFMG

Páginas: 100

Preço: R\$ 26,00

MEMÓRIAS DE UM GATO

Biografia de Adriano Miller, nascido em 1806 na África, que tornou-se conhecido como Muçã (gato), na Bahia, devido às marcas tribais no rosto e a habilidade para escapar da violenta repressão após a Revolta dos Malês, em 1835. Estudou teologia islâmica, filosofia e línguas estrangeiras. Em Diamantina (MG), fez fortuna em ouro e pedras preciosas, fixando-se depois no Rio de Janeiro, onde trabalhou ajudando um médico negro.



Autor: Luiz Carlos Lisboa

Editora: Summus

Páginas: 216

Preço: R\$ 48,90

MUDANÇA

Vencedor do Prêmio Nobel de 2012, Mo Yan revela fatos de sua vida, desde o nascimento na região rural da província de Shandon, na China, até tornar-se uma celebridade literária. A narrativa bem humorada destaca os contrastes da China contemporânea. Yan enfatiza que sua vida não pode ser separada da do seu país, a partir da segunda metade do século 20. Suas recordações e análises descortinam o passado e vislumbram o que a China ainda será.



Autor: Mo Yan

Editora: Cosac Naify

Páginas: 128

Preço: R\$ 29,90

PARA LER

Projeto deixa livros com dedicatória

No site colaborativo *marcozero.rec.br* foi lançado um projeto que não é novo mas é sempre bem-vindo: a ideia é escolher um livro, deixá-lo “esquecido” em um local público, com uma bela dedicatória para quem quiser ler, e mandar a foto do local para ser publicada. O criador da iniciativa já o botou em prática e torce para que as pessoas que encontrem os livros não interrompam a bela ciranda.

MÊS DO ESCRITOR

Eventos aproximam público de autores

Julho, mês em que se comemora o Dia Nacional do Escritor (25), dá a largada para a realização dos maiores eventos literários do Brasil, começando com a nona FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, de 3 a 7, que homenageia o escritor Graciliano Ramos. A feira vai receber também escritores como o poeta egípcio Tamin Al-Barghout, a americana Lydia Davis e o irlandês John Banville.

CINEMA E LITERATURA

Curso integra atividades do cineclub

De 1 a 5 de julho o Espaço Pasárgada promove o curso História do Cinema e da Literatura no Brasil, das 19h às 21h30. A professora Raquel do Monte vai mostrar a relação entre as duas artes no século 20, debater como o Modernismo influenciou o cinema, as ligações entre o Cinema Novo e o Romance Regional de 1930, e o diálogo entre texto e imagem na produção contemporânea.

○ PERNAMBUCO “TATUOU”

AS SUAS MELHORES CRÔNICAS



DOCUMENTAIS

Desencontros, lembranças e testemunhos

Talles Colatino • Xico Sá • Micheliny Verunsch • Thiago Soares
Raimundo Carrero • Flávia de Gusmão • Ronaldo Correia de Brito
Samarone Lima • Carol Almeida • Fabiana Moraes • Carolina Leão
Bernardo Brayner • Rogério Pereira • Julián Fuks • José Castello
Bruno Albertim • Carlos Henrique Schroeder • Paulo Sérgio Scarpa
Ivana Arruda Leite • Adelaide Ivánova • Miguel Sanches Neto
Luís Henrique Pellanda • Cristhiano Aguiar • Ricardo Lísias
Ricardo Domeneck • Fabrício Carpinejar • Cecília Giannetti
Marcelino Freire • Anco Márcio Tenório Vieira • Joca Reiners Terron

A partir de julho nas livrarias